



# COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIAS SOCIAIS NAS PERIFERIAS

ISBN: 978-65-87592-28-2



**Sesc**

---

# COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIAS SOCIAIS NAS PERIFERIAS

---

2024

Daniel Fagundes  
Sabrina da Paixão  
(org.)

REALIZAÇÃO:



**CARAMUJA** pesquisa  
memória e  
audiovisual



# ADMINISTRAÇÃO REGIONAL NO ESTADO DE SÃO PAULO

**PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL**  
Abram Szajman

**DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL**  
Luiz Deoclécio Massaro Galina

## SUPERINTENDENTES

**TÉCNICO-SOCIAL**  
Rosana Paulo Cunha

**COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves

**ADMINISTRAÇÃO**  
Jackson Andrade de Matos

**ASSESSORIA TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO**  
Marta Raquel Colabone

## GERENTES

**GERÊNCIA DE ESTUDOS  
E DESENVOLVIMENTO**  
João Paulo L. Guadanucci

**ARTES GRÁFICAS**  
Rogerio Ianelli

**CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO**  
Andréa de Araújo Nogueira

## EQUIPE SESC

Maurício Trindade da Silva, Rosana Elisa Catelli,  
Sabrina da Paixão Brésio.

## EQUIPE CARAMUJA DE PESQUISA, MEMÓRIA E AUDIOVISUAL

Daniel Fagundes, Fernanda Vargas, Marcos Vellasco, Sofia  
Antunes Miranda e Lucas Henrique Ramos.

## COBERTURA AUDIOVISUAL

IbiraLab

## DESIGN GRÁFICO

Beatriz Carvalho

## REVISÃO DE TEXTO

Juliana Santana  
Caroline Mello

## REGISTROS FOTOGRÁFICOS DO COLÓQUIO

Fabio Ranzani de Paiva

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Comunicação e tecnologias sociais nas periferias  
[livro eletrônico] / organização Daniel  
Fagundes, Sabrina da Paixão. -- São Paulo :  
Centro de Pesquisa e Formação do Sesc  
São Paulo : Caramuja, 2024.  
PDF  
Vários autores.  
Bibliografia.  
ISBN 978-65-87592-28-2

1. Comunicação e tecnologia
  2. Periferias urbanas
  3. Tecnologia - Aspectos sociais
- I. Fagundes, Daniel. II. Paixão, Sabrina da.

24-201558

CDD-303.4833

Índices para catálogo sistemático:

1. Comunicação e tecnologia : Sociologia 303.4833  
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

# SUMÁRIO

---

**AS PERIFERIAS COMO LUGARES SOCIAIS DE PRODUÇÃO  
E PARTILHA DE CONHECIMENTO** 07

Sesc São Paulo

**PENSANDO JUNTO (CARAMUJA PESQUISA, MEMÓRIA E AUDIOVISUAL)** 08

Caramuja Pesquisa, Memória e Audiovisual

## AUDIOVISUAL POPULAR, ENTRE O ANÚNCIO E A DENÚNCIA

**DOS ESPELHOS ÀS CÂMERAS DE VÍDEO** 10

Daniel Fagundes

**COLETIVO TELA FIRME - AUDIOVISUAL POPULAR:  
ENTRE O ANÚNCIO E A DENÚNCIA** 13

Ingrid Santos e Harrison Lopes

**“REFLEXÕES DO BUEIRO ABERTO”** 16

Janaina Reis

## MÍDIA E ATIVISMO ANTES E DEPOIS DA WEB

**POR UMA AGENDA MEDIATIVISTA PARA O SÉCULO XXI** 19

Guilherme Aderaldo

**A NOVA AGENDA DOS JORNALISTAS LIVRES NA ERA DA PÓS FUNDAÇÃO** 22

Kátia Passos

**CINEMA IMPROVÁVEL - TECNOLOGIA DO [IM]POSSÍVEL** 25

Flávio Galvão/ Coletivo Fabcine

## JORNALISMO PERIFÉRICO: NOS BECOS DA COMUNICAÇÃO DIGITAL

**DOIS NEGUIN, NO CAMPO DO AUDIOVISUAL PERIFÉRICO** 28

Maycom Mota

**PERIFERIAS: O JORNALISMO E COMUNICAÇÃO PERIFÉRICA COMO  
POTENCIALIZADOR DOS TERRITÓRIOS ÀS MARGENS** 31

Thais Siqueira

**A EXPERIÊNCIA DA PRIMEIRA AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DAS FAVELAS DO MUNDO 33  
E SUA IMPORTÂNCIA PARA UM NOVO MODELO DE COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA**

André Fernandes

**DAS ONDAS DE RÁDIO À PODOSFERA:  
CONSTRUINDO NOTÍCIAS NO COLETIVO**

**COMO A QUEBRADA FALA? 41**

Marcos Vellasco/Quebradacast

**DOS ALTOS FALANTES AS ONDAS SONORAS DO RÁDIO! 44**

Reginaldo José/Rádio Comunitária Heliópolis

**ORALIDADE: DAS ONDAS DO RÁDIO À PODOSFERA 46**

Gisele Alexandre

**EDUCAÇÃO ENTRE A LOUSA E A TELA: DESAFIOS E AVANÇOS**

**A EDUCAÇÃO NO ENTRE 50**

Sabrina da Paixão Brésio

**PROVE - PROJETO DE VALORIZAÇÃO DO EDUCADOR E MELHORIA  
DA QUALIDADE DE ENSINO (1997-2022) 51**

Socorro Lacerda de Lacerda

**MITOS, JOGOS E EDUCAÇÃO 54**

Renato Noguera

**AUTORAS E AUTORES 56**

**ANEXO: ROLÊ NO BAIRRO EDUCADOR JD. IBIRAPUERA 63**



# AS PERIFERIAS COMO LUGARES SOCIAIS DE PRODUÇÃO E PARTILHA DE CONHECIMENTO

As tecnologias sociais e seu potencial de transformação da vida em comunidade há décadas ocupam estudiosos dos mais variados espectros. Por envolverem conhecimento interdisciplinar sobre artefatos, técnicas, metodologias, arranjos organizacionais e pactos coletivos para solução das mais variadas questões sociais, incluindo as ambientais, estes estudos ganham abordagens cada vez mais sofisticadas e diversas. Suas aplicações práticas, contudo, requerem esforços quanto à sua manutenção ao longo do tempo e possibilidades de replicação em novos cenários. Entretanto, as metodologias encontram convergência em torno de um aspecto: o fundamental engajamento coletivo na idealização e gestão de processos. Em outras palavras, implica na imersão desses projetos na cultura das comunidades.

Quando associadas a práticas de comunicação, essencial para sua sustentabilidade, as tecnologias sociais tornam-se dispositivos de inclusão, de fortalecimento de processos criativos e educativos, e de articulação de intersubjetividades e de coletividades. Ou seja, de exercício da cidadania. Nesse contexto, o Colóquio “Comunicação e Tecnologias Sociais nas Periferias – Insurgências e aderências da mídia e da arte feita nas bordas da cidade” apresentou-se como um fórum rico de experiências vivas e dinâmicas postas em prática em São Paulo e em outras cidades brasileiras. Realizado pelo Sesc, por meio do Centro de Pesquisa e Formação (CPF), em parceria com coletivo Caramuja de Pesquisa, Memória e Audiovisual, entre 30 de março e 1º de abril de 2023, o colóquio teve sua curadoria pautada por uma compreensão ampla de tecnologia, com primazia ao tema da integração de novas tecnologias e meios comunicacionais tradicionais, em elaborações que tornam orgânica a atuação social nas bordas diante de suas urgências.

Nessa perspectiva, as reflexões reafirmaram o devido papel das periferias como lugares sociais de produção e partilha de conhecimento. O conjunto dessas discussões alcança públicos expandidos, agora, com a edição do ebook Comunicação e Tecnologias Sociais nas Periferias. Contendo ensaios assinados pelos palestrantes, os vídeos dos debates (incluindo recursos de acessibilidade) e um guia do “Rolê no Bairro Educador do Jardim Ibirapuera” conduzido por educadores do Bloco do Beco, este livro digital renova o compromisso do Sesc com a promoção do conhecimento, da formação e da difusão, a partir do desenvolvimento de ações nas áreas socioeducativa e de tecnologias e artes. Esta iniciativa expressa, sobretudo, a valorização do pacto social pela autonomia dos sujeitos na construção da própria história.

**SESC SÃO PAULO**

# PENSANDO JUNTO (CARAMUJA - PESQUISA, MEMÓRIA E AUDIOVISUAL)

Quando se fala em comunicação periférica, muitas vezes se pensa em duas vertentes principais, normalmente audiovisual e jornalismo, expressões historicamente mais consolidadas, porém são muitas e diversas as áreas de atuação nas quebradas, cada uma com uma linguagem e ferramenta específica, adequada à realidade e conjuntura local espalhadas pelo país realizadas por pessoas distintas.

Esse dado é importante para que se compreenda também que existem periferias muito ativas e diferentes para além do eixo Rio/São Paulo. Neste e-book, reflexo do evento realizado pela parceria da Caramuja com o SESC-CPF, buscamos realizar um panorama que pudesse exemplificar um pequeno recorte desta produção, por isso você conseguirá encontrar aqui a fotografia e o vídeo popular do Pará, através das lentes e do pensamento do coletivo Tela Firme, o cinema de quebrada desenvolvido pela Companhia Bueiro aberto em Guarulhos, os métodos de educação de uma professora paraibana nas favelas da capital paulista, a reflexão acerca dos jogos ancestrais e da cultura, abensonhados pelo professor carioca Renato Nogueira, assim como também o jornalismo de guerrilha construído à muitas mãos pelos jornalistas periféricos da Agência de Notícias das Favelas entre Rio de Janeiro e Salvador, assim como as ondas curtas e potentes da Rádio Heliópolis, ou a cultura nerd lida e refletida pelos comunicadores de Taboão da Serra no QuebradaCast, ou o jornalismo web dos jornalistas livres espalhado por todo o território nacional. Nas bordas, nos centros, na academia e nas associações comunitárias do Brasil à fora, seguem produzindo informação na contramão do capital.

Em suas notícias, filmes, histórias em quadrinhos, cineclubes, exposições fotográficas, a identidade e o pertencimento de quem faz junto, não “para”, nem “por” ninguém, apenas junto. Comunhão e alteridade são pontos em comum, a luta por justiça e o anúncio de outros regimes de solidariedade, marcados pelo entendimento de que cansamos de ser apenas consumidores da comunicação unidirecional dos grandes conglomerados de mídia, somos produtores urgentes de um conteúdo que para além das generalizações, faz sentido abaixo do radar, faz sentido no olhar e na troca, em um entendimento de quem faz pisando no barro, de quem sonha com as mãos.

A Caramuja - Pesquisa, Memória e Audiovisual tem a satisfação de ser o hub, o ponto catalisador dessa confluência de métodos e ações, carecemos de mais espaços que se proponham ao diálogo e a reflexão, pois são nesses caminhos que nossas confluências e particularidades se explicitam e contribuem para um país que pode ser mais, para uma política pública que realmente valorize nossas potências e para um mundo com justiça social e saúde coletiva, pois comunicar é tão importante quanto comida no prato e moradia digna.

Saravá! Vida longa pra nós!





# AUDIOVISUAL POPULAR, ENTRE O ANÚNCIO E A DENÚNCIA

**ASSISTA AGORA**

# DOS ESPELHOS ÀS CÂMERAS DE VÍDEO

**DANIEL FAGUNDES**

*“ai está o vazio semântico a partir do qual as tecnologias importadas são consumidas sem poder ser relacionadas minimamente a seu contexto de produção, vazio que os habitantes das culturas dominadas -mas não somente os pobres- acumulam à sua maneira semantizando-o a partir da linguagem, da religião ou da magia... Em que se diferenciava do deslumbramento e da fascinação das elites coloniais... inclusive daquela dos espelinhos?”*

*(J. Martin Barbero)*

Em 2010 uma reportagem do G1<sup>1</sup> me causou enorme impacto, a matéria dizia que 9 em cada 10 indígenas não votaram porque não possuíam documentos com foto. Os Yanomami, segundo a reportagem, recusavam-se a obter esses documentos, pois as fotos lhes roubariam suas almas. Davi Kopenawa, já antes, em entrevista ao Roda Viva de 1998 é ainda mais incisivo “Os xabori estão descobrindo que a máquina, câmera estão destruindo a nossa imagem”.

Hoje, acredito que não há dúvida, de que de modo geral, as telas e seus oráculos de imagens foram extremamente prejudiciais à nossas almas, se não as roubaram, às contaminaram com certeza. Assim sendo, talvez essa reflexão devesse ir por um outro caminho. É possível educar as próximas gerações para que não tenham suas almas sugadas e/ou destruídas? Existe uma conexão saudável entre a vida e sua proposição ancestral, com as novas tecnologias de informação hiper imagéticas?

De forma geral as mídias foram sendo inseridas nas periferias mundo à fora sem que se pensasse nenhuma forma de educação para o usufruto dos meios. Meros mercados consumidores da sucata tecnológica do “primeiro mundo”, foi o que fomos preparados para ser. E sem repertório ficamos reféns da publicidade e de outras mentiras televisivas. Ou seja, no campo educacional continuamos a ser colonizados, ou pelo menos a pensar e nos ver como colonizados. Só que agora a dominação busca novas formas de se efetivar, e um de seus expoentes é o campo audiovisual.

Essas novas tecnologias de comunicação, que se desenvolveram com a modernidade, ao longo dos anos se mostraram como uma faca de dois gumes, ora possibilitando que as minorias se expressassem, ora sendo nada mais que uma ferramenta de dominação fortemente usada pela indústria para reforçar estereótipos negativos sobre o povo, para controlar e vigiar, e/ou para criar bitolados por máquinas.

---

<sup>1</sup> [Acesse aqui](#) a reportagem

Na segunda metade do século XX, Edgar Morin já sinalizava para a existência de uma segunda colonização, uma colonização que se daria por meio das mídias de massa e que hoje se mostra cada vez mais evidente:

Eis que começa nas feiras de amostras e máquinas de níqueis a segunda industrialização: a que se processa nas imagens e nos sonhos. A segunda colonização, não mais horizontal, mas desta vez vertical, penetra na grande reserva que é a alma humana. A alma é a nova África que começa a agitar os circuitos dos cinemas... tudo que roda, navega, voa, transporta jornais e revistas; não há uma molécula de ar que não vibre com as mensagens que um aparelho ou um gesto tornam logo audíveis e visíveis.

Esta colonização do espírito citada por Morin veio se conformando na sociedade, muito por conta da presença massiva que as telas passaram a ter em nossas vidas cotidianas, o que acabou por criar novos modelos e espaços de educação. No Brasil, por exemplo, esse processo reverberou negativamente, segundo estudo desenvolvido pelo Instituto Pró-Livro o brasileiro lê em média 2,43 livros por ano, ou seja menos de 3 livros inteiros ao longo de doze meses em contrapartida, uma média de quase 9 horas de consumo de telas diárias. Ou seja, nossas crianças estão sendo mais educadas pelas mídias eletrônicas do que pelos livros. Educam-se e deseducam-se autonomamente em suas próprias casas, hipermediatizadas.

A maior participação das mulheres no mercado de trabalho nas últimas décadas, também foi um fator preponderante, pois rompeu com a restrição das mesmas aos espaços privados e à responsabilidade do educar, o que fez com que cobrassem maior participação dos companheiros e da escola na função educativa, pegando ambos desprevenidos. Hoje com o ritmo frenético das metrópoles, vemos muitos adolescentes e crianças que só veem seus pais aos finais de semana, pois quando acordam eles já saíram e quando se recolhem ao sono eles ainda não chegaram. A escola, neste contexto, torna-se uma segunda casa e sofre também uma maior pressão dos pais quanto ao método educativo, que agora vai além do conteúdo, tomando como atribuição ensinar valores humanos básicos. O professor, por consequência, tem sua função alterada nesse contexto, pois tem de se preparar para a nova linguagem da tecnologia e para lidar com alunos cheios de informação, nem sempre certas, mas também, nem sempre erradas. Logo, transformar o excesso de informação em conhecimento tornou-se o novo desafio docente, assim como o domínio das ferramentas digitais online, amplificadas após a pandemia da Covid19.

Essa realidade vem gerando uma crise no meio acadêmico que ainda hoje vem tentando pensar em formas de criar processos educacionais mais eficazes por meio das novas mídias, processos esses que não sejam apenas uma porta para o conhecimento técnico de ferramentas audiovisuais e de informática, mas que também saibam potencializar o pertencimento cultural.

A Caramuja surgiu desse desejo de vingança colonial, da necessidade de compreender o passado e o presente para dar dignidade ao futuro. Entendendo que toda vez que uma câmera media a relação de jovens da periferia com sua história e suas tradições, um novo caminho se abre. E a resposta para a pergunta inicial começa a parecer mais tangível.

Uma vez em uma live durante a pandemia o mestre quilombola Negô Bispo disse que sua visão de futuro e de ancestralidade remetia a imagem de uma criança no colo da avó. Ali naquele momento ficou claro para nós, que sempre nos dedicamos a pesquisa, a memória e ao audiovisual, que edificar o futuro exige essa compreensão e nas quebradas isso é ainda mais urgente, pois nos cobra a árdua tarefa de entre o caos cotidiano, o boleto vencido, o ônibus lotado, ter tempo e paciência para respirar e elaborar nossas tragédias em uma paisagem que não nos incentiva muito ao sonho, ao pensar o devir realidade nua e crua.

Por isso estabelecer encontros para pensar a tecnologia da solidariedade e da edição de vídeo não nos parece contraditório, assim como um rolê no bairro, entendendo seu grafites e redes de apoio, são tão cruciais como pensar o rádio na era do podcast.

Esse colóquio é um pequeno panorama, um rabisco inicial de uma prosa que precisa fermentar, mas que revela pessoas e grupos de São Paulo e de outras regiões do Brasil com sede de justiça e vontade de anunciar um outro jeito de viver e pensar a realidade através da arte, da educação e da comunicação. Que essa leitura revele e ferverilhe questões para quem já faz e para quem pensa em fazer um uso da mídia com um olhar de quebrada, ou seja, destes que através dos cacos de suas memórias e resistências, lutam contra a destruição de suas imagens e imaginários.

# COLETIVO TELA FIRME: AUDIOVISUAL POPULAR: ENTRE O ANÚNCIO E A DENÚNCIA

**INGRID SANTOS E HARRISON LOPES**

O coletivo de Mídia Alternativa Tela Firme foi criado inspirado nos ideais de uma educação social emancipatória e libertária buscando a defesa dos direitos das crianças, jovens e de sujeitos moradores das periferias de Belém. Um dos objetivos da iniciativa é a democratização da informação, para isso o coletivo articula, mobiliza e reúne pautas da população do bairro da Terra Firme, incentiva atividades de caráter formativo como palestras e mostras de vídeos produzidos pelo grupo, trabalha também no campo educacional com os diversos temas transversais, com um debate que foca a garantia dos direitos humanos, em especial a luta contra o extermínio da juventude negra, assim como diversas pautas como a valorização das culturas das periferias que circulam e se afirmam em nosso bairro. O Tela Firme surgiu como um contraponto à grande mídia. O nome do projeto faz alusão ao bairro da Terra Firme, localizado na periferia de Belém e onde moram todos os seus integrantes e idealizadores. O bairro é rotulado pela grande mídia, “um dos mais perigosos da cidade”.

Segundo o IBGE (G1 PARÁ, 2020), a Terra Firme é um dos bairros mais populosos da capital paraense com cerca de 81.439 habitantes. Como em qualquer outra periferia do Brasil, o bairro reflete as desigualdades sociais das camadas populares onde constantemente ocorrem intervenções policiais e inúmeros extermínios, principalmente da população jovem e negra. Essas são as notícias constantemente veiculadas na imprensa que traz o bairro da Terra Firme como palco. O Tela Firme surge para ser uma espécie de TV comunitária produzindo programas em forma de mini-telejornais e mostrando uma realidade pouco conhecida pelos próprios moradores. Os vídeos, a princípio, eram divulgados em um canal no Youtube. A intenção era desvincular o bairro da imagem da violência, reforçada diariamente pela mídia comercial. Idealizado em 2011, as atividades começaram a ser colocadas em prática no final de 2013 e início de 2014.

Através de uma abordagem audiovisual moderna e dinâmica, o grupo produziu reportagens propositivas que afirmam a identidade do bairro, suas histórias e conquistas, retomando o senso de pertencimento dos moradores. Narrativas costuradas por personagens do bairro, por seu ritmo intenso, colorido, barulhento, desordenado e riquíssimo em referências culturais. O Coletivo conta com uma equipe de 8 pessoas envolvidas diretamente na ação, além de mais de 50 pessoas que contribuem de forma indireta nas produções e gravações, como grupos de teatro, igrejas e movimentos culturais, dentre eles, movimentos da cultura hip-hop, movimento em defesa da população negra (Coletivo Casa Preta) e o Ponto de Memória da Terra Firme em parceria com o centro de pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi.

A partir das experiências com movimentos culturais, artísticos, políticos e de base, os membros do Coletivo Tela Firme podem obter experiências em debater a realidade em que vivem, desenvolvendo consciência crítica, solidária, e artística e assim contribuindo para a formação pessoal e profissional de cada um dos participantes. Visando manter sua independência e prezando pelos princípios éticos que defende enquanto movimento cultural, o "Tela Firme" não aceita "doações" feitas por políticos ou iniciativas privadas que tenham posturas contrárias aos nossos valores.

O vídeo "Poderia ter sido você" faz referência à chacina no ano de 2014 que foi uma das maiores chacinas que já aconteceram no Bairro da Terra Firme. O principal objetivo do vídeo é denunciar o extermínio de jovens negros moradores de bairros periféricos, que historicamente são excluídos e marginalizados da sociedade. O vídeo contou com jovens do bairro para contar sobre como cada vítima foi assassinada, segundo relato de moradores e familiares. O nome "Poderia Ter Sido Você" tem como objetivo levar a reflexão de que pessoas negras que estivessem na rua naquele mesmo momento da chacina, poderiam também ser vítimas do atentado. O vídeo alcançou mais de dois milhões de visualizações no nosso canal do Youtube. Em 2015 o Tela Firme recebeu a medalha de Direitos Humanos Paulo Frota na ALEPA.



O coletivo também participa, colabora e promove diversas campanhas sociais. Participou de iniciativa contra o tráfico de pessoas, promovida pela Comissão Justiça e Paz da CNBB. Em 2020 iniciou uma campanha com o objetivo de acolher famílias atingidas pelo processo de inundações no Bairro. No período de pandemia causada pelo Coronavírus, a campanha Terra Solidária levou assistência alimentar a cerca de mil pessoas da comunidade que foram afetadas pelo lockdown.

O compromisso com a cidadania e o respeito à diversidade cultural e religiosa fazem parte dos princípios básicos do Coletivo. Todas as atividades são pautadas para desenvolver e estimular o diálogo entre os jovens. No aniversário de 400 anos de Belém em 2016, realizamos o que pode ser considerado a maior articulação do projeto que contou com diversos movimentos sociais de diferentes bairros periféricos. Com o slogan "Sob o olhar do gueto", desenvolvemos a integração de atividades e intervenções articuladas pensando nas necessidades e potencialidades culturais das comunidades periféricas que participaram. O objetivo principal era mostrar que o aniversário de Belém para a periferia tinha outro aspecto, como o descaso e a falta de atenção do poder público para estas comunidades. Usar o aniversário da capital paraense como um momento para denúncias se tornou uma tradição do coletivo.

O projeto Nós na Tela, que faz parte do coletivo Tela Firme, foi criado em 2019 e atuou em duas frentes amplas de trabalho: a primeira foi a produção de diversos vídeos que relatam com dados e levantamentos históricos a multidiversidade que o Bairro agrega. A segunda foi na busca ativa na comunidade para atualização da cartografia social do bairro.

Muito dos materiais produzidos pelo coletivo traz denúncias acerca da realidade que interfere diretamente na vida do periférico. As pessoas que compõem o coletivo travam lutas que se unem e se cruzam a partir das demandas sociais expostas pelas nossas realidades em cada parte do Bairro da Terra Firme. São lutas por acesso à moradia, ao saneamento básico, à educação pública de qualidade, ao acesso à cultura, ao esporte, lazer e à dignidade humana. Condições que buscamos como direitos constitucionais e elementares para se viver.



# “REFLEXÕES DO BUEIRO ABERTO”

**JANAINA REIS**

A Companhia Bueiro Aberto, coletivo de cinema de quebrada, é formada por sete pessoas da cidade de Guarulhos – SP, que durante muito tempo foi tida como cidade dormitório, um satélite da capital sem nenhuma identidade cultural. Com nove anos de existência e mais de 70 produções entre documentários, ficções e obras seriadas, tendo participado de festivais e ganhado alguns prêmios, a Cia Bueiro Aberto concentra a maior parte de sua produção em investigar e revelar essa cidade, trazendo histórias de personagens reais, e buscando no “anônimo” aquilo que há de fantástico e notável, em que ponto ele se liga com a macro história. Além de sua intensa produção audiovisual, o coletivo também se dedica à pesquisa e publicação do Zine Gueto-Metragem<sup>2</sup>, onde seus integrantes e convidados, refletem e discutem o cinema e suas nuances tendo como ponto de partida o cinema periférico. Em 2022, o coletivo organiza duas oficinas, a Oficina Filme de Bairro, com foco na produção de documentários e tendo como referência o cinema de quebrada e seus autores, e, a LabMais Imagens Indígenas, para jovens da Aldeia Multiétnica Filhos Desta Terra, com realização do Sesc Guarulhos. Politicamente, a Bueiro Aberto, está organizada na Associação de Cinematografia Independente de Guarulhos – ACING.

A forte relação com seu território é algo comum entre outros coletivos Brasil à fora, que por meio de suas atividades, trazem a história por outros pontos de vista, olhares periféricos que se opõe ao olhar hegemônico, criando novos imaginários e subjetividades, além de construir uma memória audiovisual do lugar onde vivem. É fato que, ao se ver na tela o público se identifica, mas neste caso é mais do que se identificar, é, sobretudo entender-se, ampliar a visão sobre si e sobre o mundo, e assim pensar em como podemos agir sobre nossa realidade, o que conseqüentemente fortalece esses territórios e torna a existência de coletivos como esses algo imprescindível.

Evidente que esteticamente é possível observar diferenças, bem como, na escolha dos formatos e plataformas de difusão, o que é salutar e mostra como essas periferias, mesmo conectadas, são diversas. Isso nos leva a pensar em “periferias” e nos tira do senso comum ao qual somos levados pela mídia burguesa, de que toda periferia é igual, com pobreza, violência, tráfico, funk, e uma população alvo pronta para ser abatida. Muito pelo contrário, somos marcados pela diversidade de existências e de pensamentos, produzimos arte, jornalismo, pesquisas e temos uma rede que nos liga aos nossos e fortalece o nosso fazer, podemos falar de nós mesmos, sem estereótipos e estigmas.

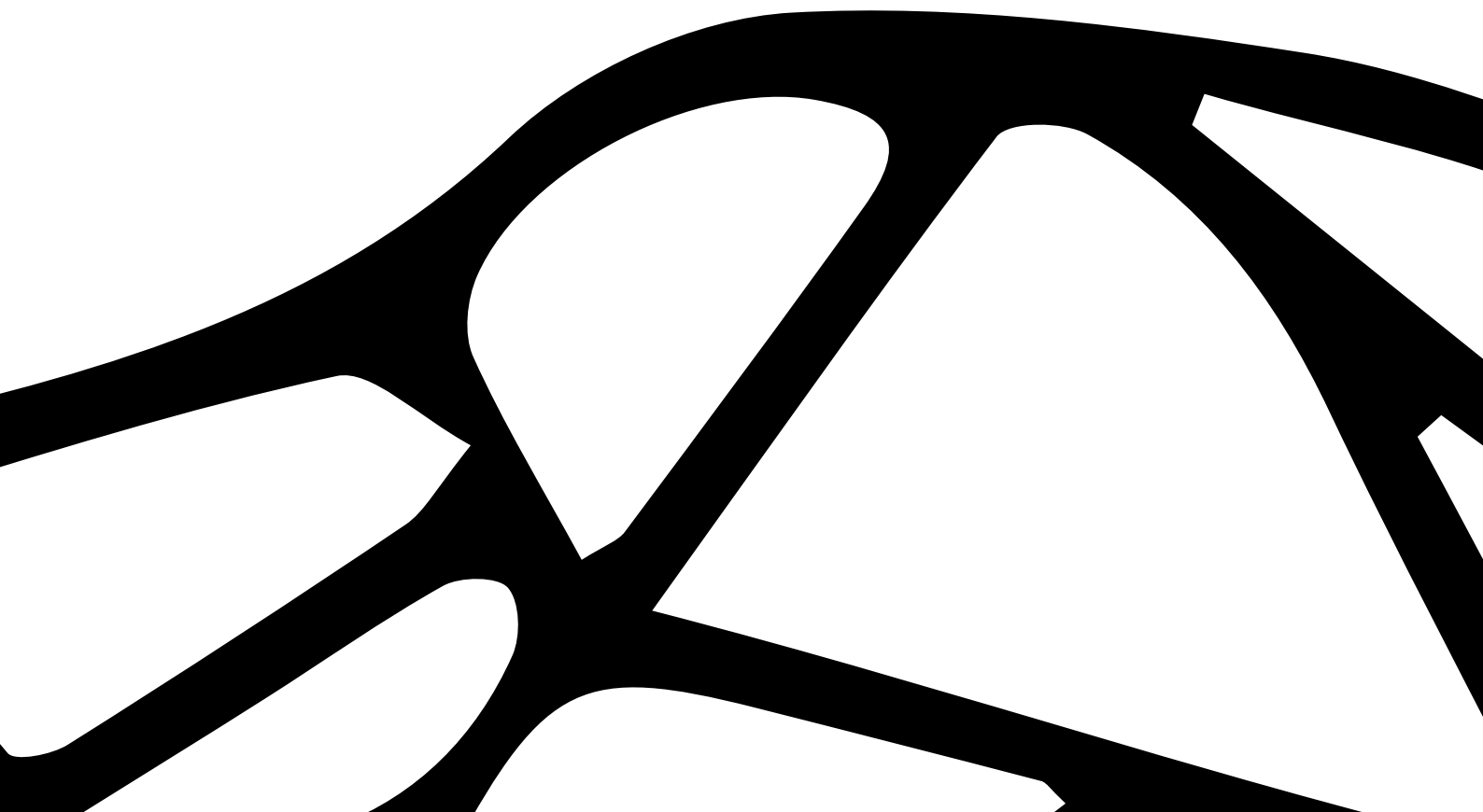
---

<sup>2</sup>[Acesse aqui](#) a publicação



Outro ponto que merece destaque é a organização dessas iniciativas, se o resultado de nosso trabalho se propõe a ser diferente do que estamos acostumados a ver, o caminho para se chegar nele também deve ser. O quanto é possível romper com os modos de produção hegemônicos? Essa resposta exige um pouco mais de observação e pesquisa, é fato, no entanto, arriscando um palpite, observamos diferenças desde o ponto de partida. Não são herdeiros, não são pessoas de classe média, são pessoas comuns, periféricas, uma boa parte de pessoas pretas, mulheres, que entendem que não podem trabalhar sozinhas e por isso organizam-se coletivamente e exercitam a cooperação entre si. Essas pessoas trazem nas suas bagagens as marcas do racismo, do machismo, da desigualdade social e por isso entendem esses debates e os encaram sem medo ou romantismo, o que torna o caminho para romper com essas práticas mais facilitado.

Dessa forma, é possível afirmar que esses fazeres apontam para um futuro, onde todos tenham autonomia de dizer, de transformar sua realidade por meio da comunicação, da arte e do debate profundo de ideias.





# MÍDIA E ATIVISMO ANTES E DEPOIS DA WEB

[ASSISTA AGORA](#)

# POR UMA AGENDA MEDIATIVISTA PARA O SÉCULO XXI

**GUILHERMO ADERALDO**

A honrosa tarefa de mediar a mesa intitulada: “Mídia e ativismo, antes e depois da web”, no contexto do I Colóquio Comunicação e Tecnologias Sociais nas Periferias<sup>3</sup>, me levou a refletir a respeito de algumas questões que considero fundamentais no tocante à passagem de um período histórico, onde as lutas sociais se articulavam a partir de bases comunicativas analógicas, para outro, no qual o altíssimo incremento tecnológico surge, lado a lado, com a precarização das condições de trabalho e de vida da maioria da população. E numa conjuntura (plataformizada) altamente favorável à circulação de ideologias preconceituosas associadas à extrema direita.

Tendo essas questões em mente, abri o debate provocando a jornalista e midiativista Kátia Passos e o realizador audiovisual e midiativista Flávio Galvão – palestrantes principais da mesa – a refletirem sobre os desafios de organizar e sustentar experiências comunicacionais voltadas às agendas das lutas sociais populares, num mundo onde o engajamento se tornou um modelo de negócios altamente lucrativo.

Neste sentido, na fala de abertura, busquei trazer uma pequena introdução na qual ponderei algumas questões baseadas em perplexidades e angústias que entendo como urgências específicas do nosso tempo e que exigem de nós respostas inéditas no âmbito do ativismo comunicativo.

Conforme levantei naquela ocasião, a passagem do mundo pré web para o mundo digital, trouxe consigo uma importante mudança no regime de acumulação capitalista, o que provocou uma aceleração do receituário neoliberal e o conseqüente declínio daquilo que ainda sobrava das macroestruturas de proteção social, como a previdência, por exemplo. Com isso, as vidas das populações menos privilegiadas – a despeito do fato das novas gerações serem muito mais escolarizadas e dotadas de maior capacidade de circulação do que as gerações anteriores – se tornaram mais precarizadas em diversos aspectos.

Fato é que agora, numa etapa mais recente desse processo, nós somos obrigados a lidar com o aprofundamento da crise da esfera pública. Uma crise que, em grande medida, decorre do já mencionado avanço das tecnologias de plataforma e da “algoritmização” das infraestruturas de comunicação, já que, na lógica da chamada “economia da atenção”, como mostrou a antropóloga Letícia Cesarino<sup>4</sup>, essas plataformas passam a obedecer a um modelo de negócio que estimula sistemas dotados da capacidade de aprender coisas e de ajustar o seu comportamento, de acordo com cada ambiente. O que faz com que os algoritmos passem a entregar conteúdos praticamente personalizados aos usuários, de

---

<sup>3</sup>Agradeço ao convite e à importante iniciativa, surgida da fundamental parceria entre o SESC e a Caramuja: Pesquisa, Memória e Audiovisual.

maneira que eles vão agregando as pessoas com comportamentos próximos em torno de clusters (ou bolhas), que vão dando lugar a realidades paralelas, onde essas pessoas passam a receber feedbacks que confirmam as suas crenças, de forma quase ininterrupta, já que a arquitetura dessas redes é produzida para capturar o nosso processo de cognição a partir de interfaces que buscam nos manter o tempo todo presos às máquinas, como se elas fossem uma extensão física das nossas mentes.

Com isso, sites com conteúdos mais complexos ou vídeos tecnicamente mais bem produzidos, que exigem algum nível de elaboração por parte de quem assiste, tendem a circular menos e a atrair audiências mais baixas, quando comparados a conteúdos pobres, preconceituosos e de fácil assimilação pelo senso comum. O que faz com que passemos a viver num ambiente muito fértil para a proliferação de uma extrema direita raivosa e com traços muito claramente fascistas.

Nesse mundo, portanto, que surge após o desenvolvimento da chamada “web 2.0”, já sob o domínio da lógica corporativa das chamadas *Big Techs*, as pessoas interessadas no tema do ativismo comunicativo se encontram diante do desafio de desenvolver novas linguagens, novas epistemologias, novas experiências educativas e novas ferramentas tecnológicas e políticas para a participação social.

No Brasil, muitos de nós crescemos inspirados por movimentos e iniciativas de ativismo comunicativo decorrentes das experiências das lutas populares do século XX, como a Associação Brasileira de Vídeo Popular (ABVP), nos anos 1980, a Associação Brasileira de Rádios Comunitárias (Abraço), que se desenvolve na década de 1990, além dos movimentos Zapatista e Antiglobalização, que surgem na virada dos anos 1990 para os anos 2000. Todos esses movimentos, absolutamente potentes e combativos, tentaram responder às questões das suas épocas com as ferramentas que tinham à disposição. Contudo, neste momento, o desenvolvimento das comentadas arquiteturas de plataforma e das tecnologias no campo da inteligência artificial, trazem desafios inéditos para o ativismo no âmbito da comunicação popular.

Pegando o caso do Brasil como exemplo, atualmente, como evidenciam intelectuais públicos, como Vladimir Safatle<sup>5</sup>, grupos organizados em torno de agendas de extrema-direita têm conseguido se apresentar, com certo êxito, como uma verdadeira força de ruptura anti-institucional, num contexto em que são os setores majoritários das esquerdas que, paradoxalmente, passaram a ser representados como os agentes da conciliação.

Não por acaso, o discurso hegemônico da esquerda, cada vez mais, tem assumido o verniz de um reformismo burocrático associado à chamada *realpolitik*. E isso tem feito com que a esquerda passe, em muitos casos, a ser associada, por setores populares, a círculos de elite, simplesmente preocupados com a manutenção do status quo, não correspondendo mais à imagem de setores engajados com o desejo de incitar experiências voltadas à ruptura na direção de um outro regime social. Ou seja, nós estamos diante de um momento

---

<sup>4</sup> Ver: CESARINO, Leticia. (2022). O mundo ao avesso: verdade e política na era digital, São Paulo. Ed. UBU.

<sup>5</sup> Sobre isso, ver [este artigo](#)

de profunda crise de imaginação política, o qual (ainda) tem sido capitalizado de forma extremamente eficaz por núcleos conservadores, seja através da disseminação de projetos voltados à inculcação da ideologia do empreendedorismo, seja através do desenvolvimento de mega produtoras dedicadas à construção e disseminação viral de conteúdos comunicativos que distorcem fatos históricos como, por exemplo, o conhecido caso da empresa “Brasil Paralelo”<sup>6</sup>.

O fato é que, assim como os meios de comunicação, as “periferias” e as formas de segregação socioespacial também mudaram a sua forma nesse mundo “pós-web”. Uma matéria recente, publicada no periódico digital “Outras Palavras”<sup>7</sup>, traz, por exemplo, dados estarrecedores neste sentido, como o de que, em 6 anos cresceu 11 vezes o número de entregadores de aplicativos no Brasil. Em 2016 eram 33 mil e em 2022, 383 mil. Os acidentes de moto subiram de 88 mil para 122 mil, em 2022. E os trabalhadores de aplicativos trabalham mais de 3 horas a mais que a média dos brasileiros ocupados. Ou seja, me parece que nós estamos diante de um mundo que segrega de muitas formas, o que faz com que a experiência socioespacial “periférica” não se caracterize exatamente pelo confinamento num território isolado, mas envolva também um modo específico de circulação, que a posição marginal incita. E para lidar com essa nova realidade (circulatória) das “Periferias”, nós precisamos desenvolver repertórios linguísticos, estéticos e comunicativos menos sedentários e, portanto, mais preparados para lidar com as dinâmicas próprias do século XXI.

Concluindo, o que busquei enfatizar na provocação que trouxe inicialmente à dupla de convidados que animou a mesa, foi a ideia de que, mais do que a produção de conteúdos midiáticos, simplesmente, parece cada vez mais importante que o ativismo no campo da comunicação popular também se engaje em torno da reflexão sobre as infraestruturas que vão absorver e fazer esses conteúdos circularem.

O resultado das discussões produzidas pela mesa – como os leitores e as leitoras deste dossiê poderão constatar, através da leitura dos textos dos demais participantes (Kátia Passos e Flávio Galvão) – foi muito positivo e instigou o desejo de que o diálogo ali iniciado, siga ocorrendo e que a experiência exitosa do colóquio se repita.

---

<sup>6</sup> A esse respeito, ver [este artigo](#)

<sup>7</sup> Acesse [aqui](#)

# A NOVA AGENDA DOS JORNALISTAS LIVRES NA ERA DA PÓS FUNDAÇÃO

**KÁTIA PASSOS**

Em 2015, quando a rede Jornalistas Livres nasceu, não imaginávamos os caminhos tortuosos pelos quais passaríamos para narrar a história de um país gigante e que novamente passava por um novo Golpe. A nossa preocupação era transpor quem só assistia TV aberta, para uma outra versão dos fatos, das reflexões possíveis, para a realidade e resultados que o Brasil teria que lidar durante os próximos anos, caso não reagisse na medida da força necessária, a fim de cessar um impeachment de uma Presidenta da República legitimamente eleita e que não havia cometido crime algum para ser destituída. Aliás, seu crime foi prolongar a "estadia" de um partido político que havia, nos anos anteriores, dado acesso a milhares de brasileiros a políticas públicas democráticas.

Só que com o passar do tempo, com um Golpe consumado, o assassinato da vereadora Marielle Franco e a chegada de Bolsonaro a Presidência da República, fomos juntos entendendo que o mais assertivo era estabelecer uma comunicação que conectasse, de fato, com os sofrimentos, superações e tecnologias próprias e mais focais do maior povo desse território chamado Brasil, ou seja, as periferias.

A partir desse momento, o então 2018, nos aproximamos de encontros como esse do Colóquio Comunicação e Tecnologias Sociais nas Periferias, justamente porque, para nós, essa era a única maneira de revertermos o anúncio de mais um genocídio, com a chegada de um homem que fora chamado de Mito por muitos. Já havíamos perdido nas urnas, e isso é democrático, então a nossa única chance era estabelecer um novo tempo para que em 2022, pudéssemos sair dessa tragédia. Foi uma troca. Diríamos que há mais aprendizado do que troca nessa oportunidade. Ouvimos no Colóquio os anseios, as superações e os novos sonhos. Lá em 2018, dentro dos territórios, da periferia ao centro, de Sul ao Nordeste do país, ouvimos os anseios, a vontade de ser feliz e o medo do novo tempo. O que importa é que no final, todo encontro como esse é cheio de coragem e beleza.

Especialmente, porque o colóquio dessa ocasião, realizado bravamente após uma pandemia de COVID-19, teve como objetivo, discutir o uso das tecnologias sociais e digitais do ponto de vista da prática educativa, da feitura de sonhos, especialmente nas comunidades vulneráveis, realizada, em sua maioria, por pessoas que já passaram por diversas violências, ou por gente que nunca vai pertencer a classe social dos ricos, essa porcentagem mínima de gente no Brasil, mesmo quando o aspecto de comunicação apresentado também se mostrou empreendedor. Ainda assim, o aspecto da luta, da transformação de seus territórios de ação, sempre estiveram lá.

Durante as discussões, tivemos acesso a abordagens com o uso dos dispositivos móveis, câmeras mais simples, figurinos e até linguajares no aspecto da formação de redes colaborativas e o potencial de mídia e das artes na construção de saberes e na expressão das vozes das comunidades periféricas.

Os debates, provocações e até julgamentos propositivos sobre esse ou aquele aspecto de expressão foram enfrentados. Afinal de contas, o colóquio se mostrou como um espaço democrático para se estar, com representatividade e maioria de pessoas pretas, compondo público e palestrantes.

Em alguns momentos, mesmo que subliminarmente, houve destaque ao papel das universidades e instituições de pesquisa na produção de conhecimento e na promoção de práticas educacionais que visem à inclusão digital e à formação crítica.

Ao final do colóquio, ficou evidente a importância do diálogo entre os diferentes atores envolvidos no processo educativo e da valorização das experiências e dos saberes das comunidades periféricas e vulneráveis. O uso das tecnologias sociais e digitais pode ser uma poderosa ferramenta de transformação social e de construção de um mundo mais justo e igualitário.

A visão do que agora, a partir de 2023, pode ser uma mídia independente no Brasil, além de um movimento crescente que busca oferecer uma alternativa aos meios de comunicação tradicionais, geralmente controlados por grandes grupos empresariais, cresce com essa troca.

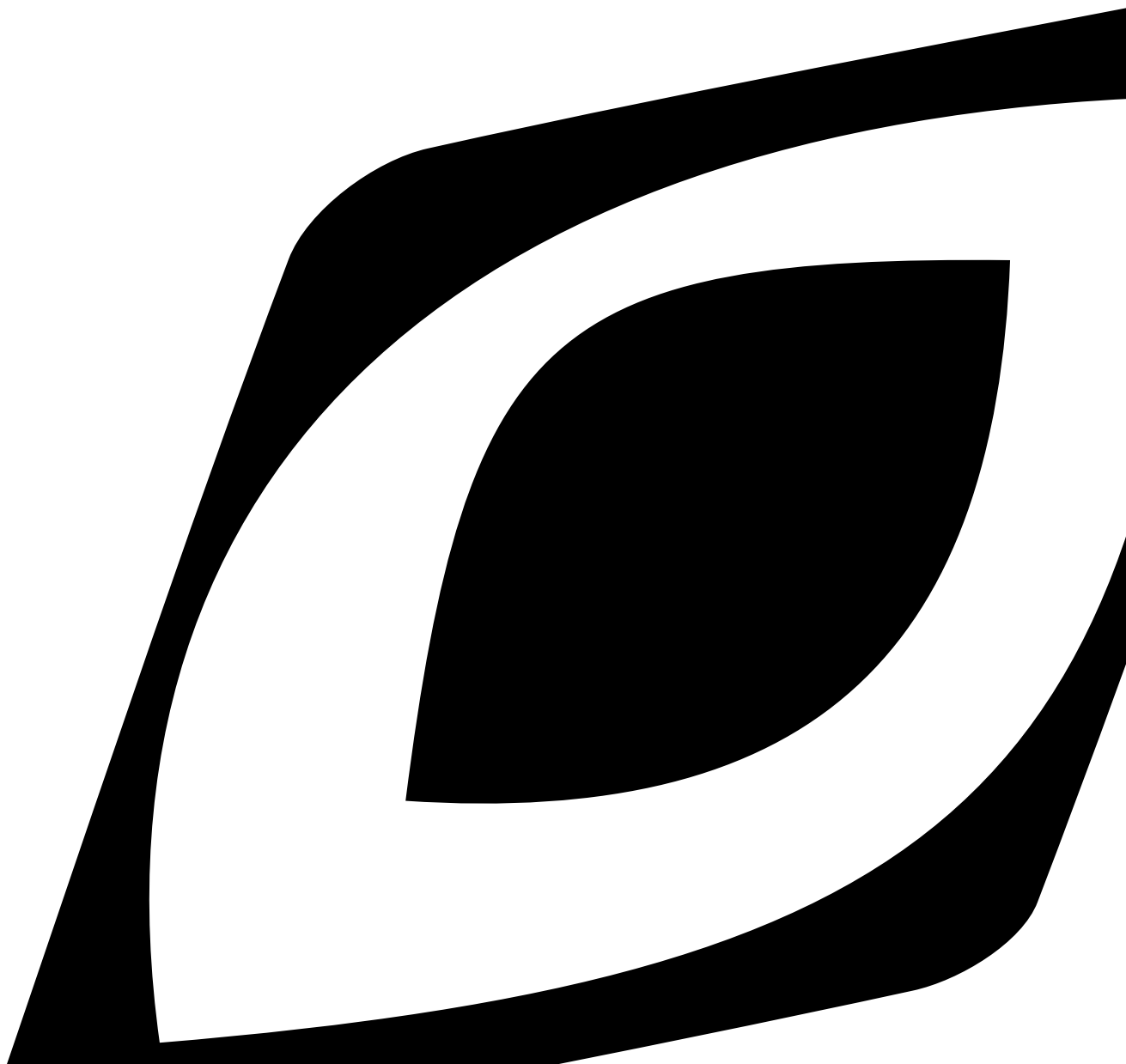
Afinal, se estes veículos de mídia independente surgem a partir de coletivos, organizações de jornalistas, comunicadores sociais e cidadãos engajados, que têm como objetivo cobrir temas que muitas vezes são negligenciados pelos veículos de comunicação convencionais, isso os coloca também, em total consonância com as tecnologias próprias das comunicações nas periferias e fora delas.

Todos os veículos participantes do colóquio buscaram trazer diferentes pontos de vista, desafiar o status quo e questionar as narrativas dominantes, além de tentar promover não só jornalismo, mas também outros caminhos de um comunicar mais participativo e colaborativo, que envolve o povo e produção, força de trabalho e conteúdo inédito.

E quando falamos de conteúdo inédito, não podemos esquecer que a mídia independente tem sido fundamental para denunciar os abusos de poder e as violações de direitos humanos por parte do governo e de empresas. Além disso, tem dado voz aos movimentos sociais que muitas vezes não têm espaço na grande mídia: aos pretos, indígenas, mulheres e LGBTQs. E por isso, qualquer pessoa, agrupamento de pessoas ou equipamento que não possui relação mercadológica com o mundo e objetiva denunciar, pode ser sim considerado uma mídia independente.

No entanto, a mídia independente no Brasil enfrenta muitos desafios, como falta de financiamento e estrutura limitada, além de ser constantemente perseguida e ameaçada. Mesmo assim, a rede Jornalistas Livres continua a fazer um trabalho importante como uma alternativa para a mídia tradicional e a difundir uma visão mais crítica e democrática da realidade brasileira, mesmo hospedado em plataformas de ritmo mercadológico.

Assim, a rede JL contribui para a formação de uma opinião pública mais informada, consciente e crítica, em um momento em que a democracia e a liberdade de imprensa são constantemente ameaçadas. A oportunidade de ocupar o mesmo espaço de debates de redes de comunicação periféricas, através do Colóquio promovido pelo SESC e Caramuja, entra, de vez, na rotina dos Jornalistas Livres.





# CINEMA IMPROVÁVEL – TECNOLOGIA DO [IM]POSSÍVEL

**FLÁVIO GALVÃO/ COLETIVO FABCINE**

Na noite fria do dia 14 de julho de 2023, já bem atrasado com o texto que segue, participava de uma prosa na Favela do Moinho (localizada na região central da cidade de São Paulo), que há alguns anos é o cenário de muitas das produções audiovisuais mais potentes que tive a oportunidade de participar e que ajudo a desenvolver, como imagem do nosso tempo, nessa cidade. Numa ponta de escanteio do campo de terra, uma fogueira dava um toque especial à roda de conversa; os ventos, que para nós ainda sopravam forte, eram o bafinho de um ciclone que teve mais fôlego há quilômetros de distância de nossa localização, e que já havia deixado um rastro de destruição por onde passou. Apesar das adversidades, estávamos juntos e firmes, como sempre. Alessandra cuidava de estocar madeira para não apagar o fogo aceso para aquecer nossas ideias, e as crianças brincavam no campo fazendo de bola uma garrafa PET; a todo momento alguém conhecido vinha nos cumprimentar e um certo estranhamento mútuo gerava observações sobre o tempo, e de como ele teria agido na fisionomia de cada um, afinal, estamos envelhecendo, pra valer. Num momento de silêncio e olhares fixos para a fogueira, o companheiro Rodolfo deu voz a uma sensação: “Parece que a vida só acontece nos lugares mais improváveis dessa cidade”. Uma reunião em volta de fogueira é um evento de conexão com tudo que nos precedeu em termos de cultura e humanidade e, também, às lutas por nossa sobrevivência. E se ali estávamos reunidos, era mesmo para pôr lenha nessa fogueira, embora nosso encontro tivesse um tema bem mais jovem a ser lembrado: a derrubada daquele que ficou conhecido como O Muro da Vergonha. Já se passaram 10 anos de lutas a partir desse registro, mas sabemos que a história de resistência urbana é de longa data antes desse marco escolhido como ponto importante e de destaque para uma história que queremos contar, e que não tem roteiro pronto nem “metragem” certa. Os filmes da cultura do vídeo popular dessa nossa geração são estilo colchas de retalhos que nossas avós costuravam, e são feitos de pedaços que um dia formarão uma narrativa mais completa, capaz de cobrir a região e aquecer lembranças. E já que estamos falando dessa comunidade do Moinho, vale a dica de uma sequência de imagens, em vídeos de curta e longa metragem, para que a pessoa que lê esse texto também visualize melhor a profundidade dessa história<sup>i</sup>. Nessa linha do tempo, cada hiperlink é um portal da memória coletiva e de luta da cidade: 1º o curta metragem já citado, O Muro da Vergonha; 2º o longa Moinho 14; 3º o longa metragem Em Campo, silenciado no youtube por cobrança de direitos autorais.

E se Mário de Andrade, no casarão da Rua Lopes Chaves, vizinho da Favela do Moinho, escreveu que há uma gota de sangue em cada poema, pode-se dizer que há uma gota de sangue em cada frame d’Um rap para Leandro, 4º vídeo, e agora na linha das videorreportagens encabeçadas pelo mano Caio. Para fechar essa linha do tempo, neste texto para a publicação do colóquio uma 5ª produção, realizada junto ao Sesc Bom Retiro: As Mulheres e o Moinho<sup>ii</sup>.

---

<sup>i</sup> A esse respeito, acesse a esses canais: [Ação Direta de Vídeo Popular](#) e [M. Vivo](#)

<sup>ii</sup> Acesse [aqui](#)

Uma advertência de leitura: o sentido da mensagem desse texto só é possível com a audiência completa dos vídeos elencados. A temperatura da história que contamos em volta da fogueira tem a ver com essa primeira e principal tecnologia criada pelo homem: o fogo. Não é outra tecnologia, senão essa mesma que destacamos para o Colóquio. Nossa produção é inflamável e, embora digital, queima mais do que película antiga. Nosso cinema é improvável, mas acontece; basta uma faísca e “click, REC, boom”: registramos e deixamos nosso legado de resistência.



Sendo assim, a fim de não tomar demais o tempo do leitor e para que ele foque sua atenção como espectador no material e assunto de que tratamos aqui, encerro essa provocação, que também é um convite de reflexão sobre a paisagem construída pelos grupos de vídeo popular dessa São Paulo dos anos 2000, e desejo a tod@s: uma boa sessão.





# JORNALISMO PERIFÉRICO: NOS BECOS DA COMUNICAÇÃO DIGITAL

[ASSISTA AGORA](#)

# DOIS NEGUIN NO CAMPO DO AUDIOVISUAL PERIFÉRICO

## MAYCOM MOTA

Comecei minha vida querendo ser jogador de futebol profissional, sempre gostei de bola, sempre senti uma coisa boa dentro de mim quando eu estava jogando futebol. Um orgulho de ter habilidade com a bola nos pés. Mas eu era um garoto tímido, sempre observador, mas valente de desbravar o Brasil por um lugar ao sol no futebol e lá eu fui, Interior de São Paulo por diversas vezes, vou tentar lembrar de algumas cidades que eu passei Mogi Mirim, Amparo, Presidente Prudente, Itapura, São Bernardo, Osasco, São Carlos, Oeste de Itápolis, e alguns nessa andança do futebol eu rodei alguns Estados, passei por Mato Grosso do Sul, onde me profissionalizei aos 17 anos no Clube Atlético Paranaibense, na cidade de Paranaíba no interior do Mato Grosso do Sul, disputei a primeira divisão do campeonato estadual passando por diversas cidades sul matogrossense. Passei por Paraná, Espírito Santos, Rondônia e estive na Europa, que foi uma experiência que também contribuiu para eu mudar a minha forma de ver a vida. Ver outra cultura e outra forma de viver a vida me abriu os olhos para algo que eu só fui descobrir com o tempo que é a riqueza da diversidade, eu entendi que podemos ser muito mais do que a gente possa imaginar.

Quando eu nasci meu pai já trabalhava na TV Bandeirantes, hoje Band TV, e um pouco depois foi para Rede Globo, hoje Grupo Globo, por onde ficou 26 anos trabalhando com captação de imagens para produção de reportagens pelo mundo, e transmissões de todos torneios e competições brasileiras. Depois de rodar por vários lugares em busca do sonho do futebol, percebi que eu estava no lugar errado, que eu queria participar da vida das pessoas mas de outra forma além de ser visto como jogador de futebol e essa foi a minha primeira grande mudança.

Quando parei de jogar de futebol e decidi ir estudar, encontrei o curso de Produção de Audiovisual e me joguei, logo em seguida com um coletivo de artistas criamos a Dois Neguin Produções, em 2012, hoje Dois Neguin Filmes, a produtora nasceu da vontade de várias pessoas em produzir coisas novas, fazer eventos em prol da arte, mudamos uma casa domiciliar para um centro cultural cheio de eventos com várias intervenções artísticas, nascemos produzindo nossos próprios eventos e criando conteúdo audiovisual disso tudo, lá passaram vários artistas se apresentando, Verdecaffé, Arnoh, Dom Lampa, Foudy, Pamelozza, entre tantos outros. Depois de 1 ano e meio o coletivo se desfez e cada integrante foi trabalhar em outras coisas e eu acabei dando continuidade com o nome Dois Neguin, mas entendendo que eu prestaria o serviço relacionado ao audiovisual e por isso veio o Filmes. Paralelo a Dois Neguin Filmes, eu também sou Sócio da Elchoq Produções, onde tempos a Rádio Mixtura, e, que funciona dentro da Agência Solano Trindade.

Também produzimos show e eventos culturais como Sarau de poesias, Roda de Samba, Shows de Forró, Hip Hop e outras atividades. A Agência Solano Trindade é parceira da Dois Nequin, já realizamos várias transmissões de eventos juntos, Festival Percurso e Perifa Talks.

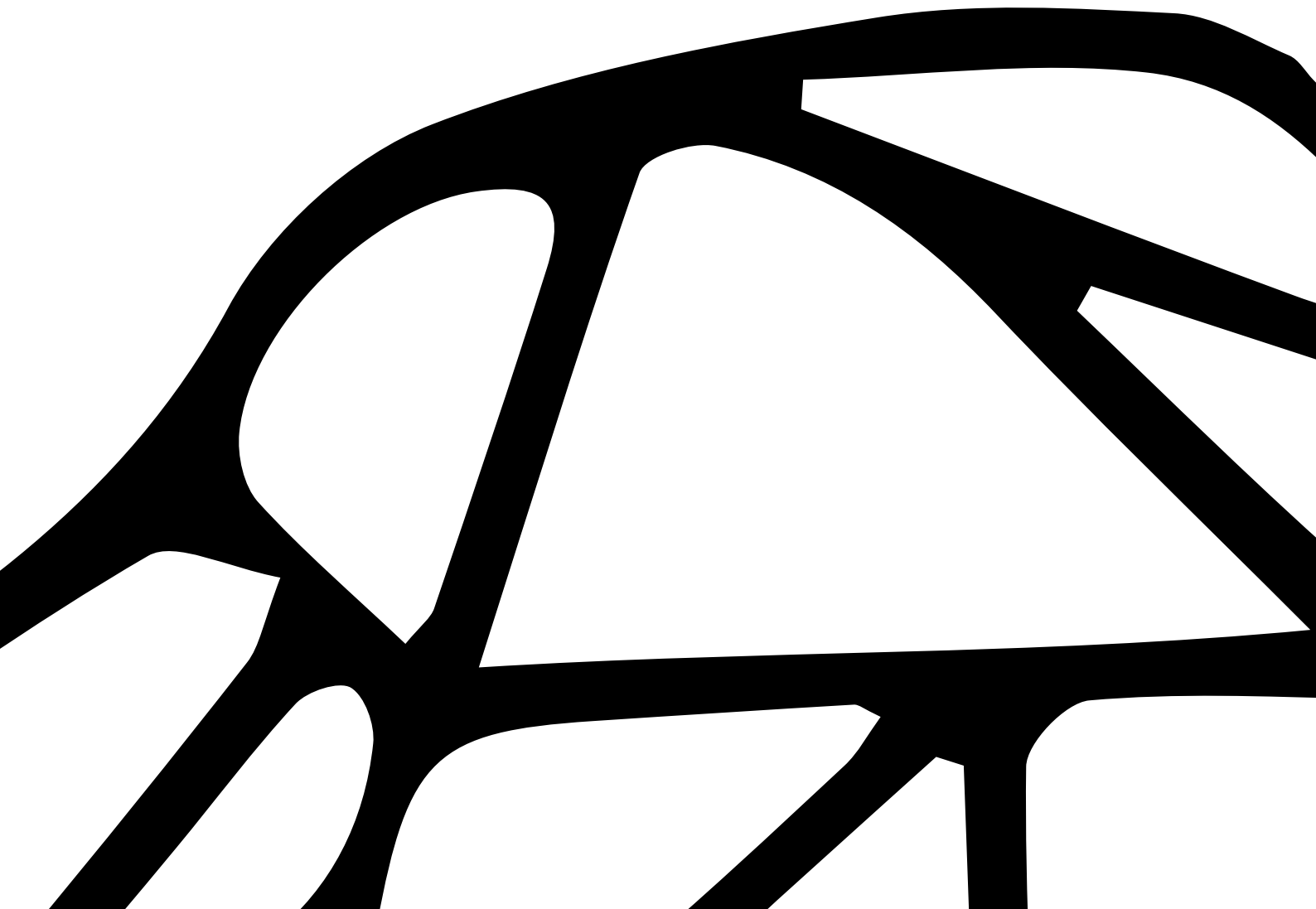
Entendendo o meu olhar para a vida, entendi que posso contribuir com o lugar que eu nasci e para além disso com todas as outras pessoas que estejam abertas a conhecer outros pontos de vista.

Logo depois que eu comecei a estudar audiovisual e trabalhar com fotografia, eu entrei na TV Alesp (Assembléia Legislativa de São Paulo), lá fui assistente de matérias internas e logo em seguida fui para Tv Globo, entrei como assistente de reportagem externas e trabalhei em todas as editorias do Jornalismo, Esporte e Entretenimento de São Paulo. Nesse momento começo a acompanhar grande jornalistas trabalhando com Caco Barcellos, Ernesto Paglia, Sônia Bridi e tantos outros repórteres renomado da Globo. Me apaixonei pelo jornalismo e em especial por fazer imagens que contribuísse para uma narrativa jornalística, onde os fatos e os vários pontos de costas norteiam o meu olhar. Estar próximo as pessoas e contribuir contando suas histórias é algo que sempre me fez sentir especial. Depois de 4 anos como assistente e já formado em Produção Audiovisual e Telecomunicações, entrei com pedido de me formalizar como jornalista e tirei o MTB, junto ao Sindicato dos Jornalistas, regularizando a minha função como repórter cinematográfico no Ministério do Trabalho. Entrei para o jornalismo da Globo e comecei a fazer reportagens e entradas ao vivo para os jornais locais de São Paulo, 6 meses depois eu estava fazendo parte da equipe do Profissão Repórter, onde eu já havia trabalhado por anos como assistente, onde pude crescer muito como cinegrafista e fotógrafo com o aprendizado de tantos profissionais talentosos com quem trabalhei por ali. Tive grandes professores dentro da maior emissora do país, ao mesmo tempo sempre acompanhei os profissionais independentes, principalmente os da zona sul de São Paulo, onde crédito grande parte do meu repertório de referências. Infelizmente ainda hoje o que mais se vende é a desgraça do ser humano, são as tretas, as dificuldades e tudo que é algo voltado para o amor, para as boas ações acaba tendo uma resistência de ser mostrado. Sempre tem algo que digam que é mais importante de ser mostrado. Penso que o jornalismo está também para auxiliar o comportamento social, seja levantando questões, mostrando tendências, discutindo o passado e o futuro, e não apenas para denúncias, ainda que seja de suma importância diante de tantos assuntos que acontece. Na periferia a gambiarra vem desde cedo, e depois de entender o poder da comunicação aliado ao audiovisual, entendi que no jornalismo periférico tem muitas questões para ser discutidas, analisadas, propostas e esse é mais um lugar onde a Dois Nequin se coloca como agente.

Busco no meu trabalho e na Dois Neguin contribuir para novas narrativas, explorando novos recursos e buscando mais recursos para continuar contando histórias e fortalecendo nossos artistas e produtores da periferia de São Paulo.

Tenho orgulho de trabalhar com Záfrika Brasil, Cooperifa, Sérgio Vaz, Manda Notícias, Dicampana, Fluxo Imagens, Caramuja - Pesquisa e Memórias.

Fazer audiovisual na periferia é conhecer lugares e pessoas que contribui para a minha vivência pessoal e profissional, ao lado de pessoas que eu me reconheço e admiro. Contribuo com a criação de memórias e narrativas do nosso território com a ferramenta do audiovisual, seja captação, edição, transmissão, direção, fotografia, imagens aéreas e produção de eventos culturais na quebrada.



# PERIFÉRIAS: O JORNALISMO E COMUNICAÇÃO PERIFÉRICA COMO POTENCIALIZADOR DOS TERRITÓRIOS ÀS MARGENS

**THAIS SIQUEIRA**

Pensar “Jornalismo Periférico: nos becos da comunicação digital”, é um exemplo de discussão sobre como a comunicação e o jornalismo produzido nas periferias já ocorriam por meio de projetos realizados nos anos 90, numa época em que a internet não era posta a seu favor, ou seja, comunicar-se consistia num grande desafio econômico e social. A discussão que aprofundo aqui, é sobre as formas de fazer jornalismo e comunicação nas periferias, trazendo a abordagem de que periferias não são iguais, e cada uma, apesar de terem os mesmos problemas macro e socioeconômicos, consistem em peculiaridade única, e não funcionam da mesma maneira. O avanço da internet como possibilidade facilitadora para a comunicação periférica também é meu foco.

Produzir jornalismo e comunicação em territórios de periferias, favelas, campos, quilombos e aldeias é sem dúvida um grande desafio, os comunicadores desses territórios precisam estar muito atentos, para realizar seus trabalhos e ao mesmo tempo, ponderar sobre sua própria segurança e de todos que os cercam, afinal, esse jornalista e comunicador reside no próprio território onde atua profissionalmente.

Diante do cenário macropolítico, o jornalismo produzido nas periferias e favelas do Brasil, tem suma importância, por ter um repertório em suas ações que vão do online ao offline, comunicando de forma territorial, combatendo a desinformação, pautando a realidade do cotidiano desses territórios, quebrando o estereótipo difundido pela mídia tradicional, de que as periferias são todas iguais, e principalmente, trabalham a educação midiática nos seus próprios territórios<sup>iii</sup>.

Em 2019, a pesquisa Mapa do Jornalismo Periférico: Passado, Presente e Futuro<sup>8</sup>, por meio do projeto de articulação Fórum de Comunicação e Territórios, desenvolvida pelo Desenrola e Não Me Enrola, em parceria com Periferia em Movimento, Historiorama e os jornalistas, Tony Marlon, Mariana Belmonte e Gisele Brito, revelou como as mudanças de tempos históricos entre a década de 90 e os primeiros 15 anos do século XXI mudou a estrutura e a dinâmica de atuação dos movimentos sociais de base que atuam no jornalismo e na comunicação popular nas periferias.

---

<sup>iii</sup> “A chamada comunicação periférica aposta no jornalismo feito “de dentro” da comunidade, ou seja, a partir da vivência daqueles moradores, que já estão inseridos naquela realidade. Observa-se que, em alguns casos, os jornalistas atuam também como educadores, ou seja, preparam os jovens para utilizarem adequadamente os recursos da comunicação, como instrumentos de expressão da cidadania” (FIGARO, Roseli (org.), 2018, p. 169)

<sup>8</sup> Confira a pesquisa [aqui](#)

*A democratização da internet potencializou a produção de comunicação, mas mesmo antes de ela ser acessível como é hoje, já era entendida como estratégica para processos de transformação social nos territórios. Nos anos 1990, iniciativas de rádio e fanzines, por exemplo, já atuavam para efetivar o direito à comunicação, o que mostra uma mudança na natureza das linguagens com o passar dos anos, adequando o fazer comunicativo com o contexto”*

*(Pesquisa Mapa do Jornalismo Periférico: Passado, Presente e Futuro, 2019, p, 10)*

Por fim, a mesa também trouxe para o debate o racismo estrutural, a desigualdade de gênero e os desafios econômicos de manter a continuidade do trabalho das iniciativas do campo do jornalismo e comunicação periférica, além disso, também pontuou como esse campo tem formado “sujeitos periféricos” (D’Andrea, 2013), por meio da educação midiática, potencializando principalmente a juventude negra e periférica.





# A EXPERIÊNCIA DA PRIMEIRA AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DAS FAVELAS DO MUNDO E SUA IMPORTÂNCIA PARA UM NOVO MODELO DE COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

## AS LEGISLAÇÕES DA COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

Em junho de 2018, a Comissão de Constituição e Justiça do Senado Federal aprovou o Projeto de Lei nº 55/2016, que autoriza a inserção de anúncio pago em rádios e TVs comunitárias. Em novembro do mesmo ano, o Conselho de Comunicação Social do Congresso Nacional deu parecer contrário por entender que, se aprovado esse projeto de lei, as rádios comunitárias poderiam ter mais privilégios que as rádios comerciais. Outras diversas propostas com o mesmo intuito tramitam atualmente no Parlamento, como os PLs 7397/2014, 7398/2014 e 1441/2015 (Câmara dos Deputados).

Para a deputada federal Jandira Feghali (PCdoB-RJ), autora do PL 1441, que trata da regulamentação da Constituição sobre regionalização e autoriza esse tipo de financiamento, a medida é urgente: “Tratar da democratização da comunicação, permitindo financiamento privado a essas mídias, é conseguir que outras ideias, vozes e opiniões, principalmente da periferia, possam chegar ao grande público”, explica.

Também tramitam na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro e em outras casas legislativas pelo país projetos de lei que colocam uma porcentagem da publicidade para veículos comunitários, o que é bom, mas ainda é bem pouco para que realmente esses veículos cresçam e disputem a contra-hegemonia.

Importante ressaltar que a legislação federal trata de rádios e TVs comunitárias, uma vez que são concessões do governo, e não da atuação da comunicação comunitária por meio de jornais ou veículos online. Portanto, a comercialização de publicidade é vedada às rádios e TVs, e não para veículos impressos ou de internet.

## DESMISTIFICANDO OS CONCEITOS DA COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA PARA UMA NOVA ERA

A legislação brasileira não contribui para o crescimento da comunicação comunitária, e as teorias elaboradas, que foram importantes para o embasamento do tema, hoje são obsoletas mediante uma nova prática.

Mas quem disse que comunicação comunitária não pode ter fins lucrativos?

Quando se fala em comunicação comunitária, o que se sabe pelos teóricos é que não deve ter vínculos com empresas ou governos que ditem sua linha, porém, não se pode esquecer de um diferencial: a possibilidade de que o veículo não seja ligado a empresas ou governo, mas que venda espaços publicitários para estes, o que não desqualifica sua categorização como veículo comunitário.

Não existe uma necessidade de separação no fato de se ter um veículo comunitário e o mesmo ser comercial. Para entendermos a importância da publicidade, utilizemos como exemplo a legislação das rádios em nosso país. Uma rádio comunitária, de acordo com nossa legislação, não pode vender publicidade. Como se espera que se mantenham? Ou seja, nossa legislação foi feita para que as rádios comunitárias não avancem. A saída, então, seria que os veículos comunitários que queiram crescer possam se organizar para ter sua concessão de rádio comercial.

A ideia de que a comunicação comunitária não pode ao mesmo tempo ser comercial fez com que até hoje esse tipo de mídia ficasse estagnada, sem possibilidade de crescimento ou expansão. As teorias que até agora balizaram a comunicação comunitária, escritas por quem a estudou, mas que de fato nunca trabalhou com a comunicação comunitária, começam a ser contestadas por quem faz acontecer na prática.

A mídia contra-hegemônica, quando não cresce, quando não tem uma grande audiência, não cumpre seu papel de contra-hegemonia com toda as suas possibilidades. Como se contrapor a uma hegemonia atingindo um pequeno público, uma vez que a mídia hegemônica se utiliza das grandes audiências? A contra-hegemonia não pode existir eternamente apenas no campo ideológico. É preciso ir além e atingir um público cada vez maior.

### **A IMPORTÂNCIA DA PUBLICIDADE, OU COMO SER COMUNITÁRIO E COMERCIAL AO MESMO TEMPO**

A Agência de Notícias das Favelas, que é uma ONG, se viu em dificuldades para crescer como veículo de comunicação comunitária. Quando, em novembro de 2009, lançou seu primeiro jornal A Voz da Favela já com 20 mil exemplares, teve como primeiro patrocinador o Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro, que pagou a gráfica das primeiras duas edições impressas. Outro patrocinador nas primeiras edições foi a produtora e gravadora Furacão 2000.

O jornal rapidamente ampliou sua tiragem para 50 mil exemplares, e a partir dessa experiência houve a percepção, por parte da direção da ANF, de todas as dificuldades que isso envolvia. Não era só a gráfica: precisávamos diagramar o jornal, precisávamos ter um profissional minimamente dedicado como editor, precisávamos de revisão, e havia ainda a logística de distribuição para tantos exemplares.

Paralelamente à experiência do jornal, por meio de uma parceria entre a ANF e uma empresa que queria fazer publicidade para a favela, começamos um novo modelo de negócio com um novo tipo de mídia, batizada de Outdoor Social. No começo a empresa com a qual fizemos parceria ficava com a parte comercial e nós com todo o operacional dentro das favelas. Em um ano já estávamos em vários estados.

Ao ver que o negócio crescia vertiginosamente, alcançando o público das periferias brasileiras e sem um contrato firmado, a pessoa que representava a parceria do Outdoor Social conseguiu uma equipe para cuidar do operacional que fazíamos e rompeu com a parceria, prosseguindo sem a Agência de Notícias das Favelas. Continuamos em frente, conseguindo um novo comercial. Batizamos de Minidoor Social esse novo modelo de mídia que havia chamado a atenção de muitas agências de publicidade e clientes, principalmente porque entenderam que a nossa organização – a primeira agência de notícias de favelas do mundo – tinha muita credibilidade.

Essas duas experiências, com o jornal e com mídia exterior nas favelas, nos impulsionaram a ANF Produções, para que, por meio do lucro gerado pela publicidade, pudéssemos manter a ONG. A empresa que criamos passou a ser a responsável pela publicidade em todos os veículos da Agência de Notícias das Favelas: portal de notícias, jornal impresso e mídia exterior. Posteriormente começamos a trabalhar também com publicidade em carros de som.

### **UMA EDITORA PARA CONTARMOS AS HISTÓRIAS DAS FAVELAS**

A ANF Produções, contudo, nasceu antes. Para deixar registrada a história da fundação da Agência de Notícias das Favelas, resolvi escrever meu primeiro livro. Porém, quando fui pesquisar para entender o mercado editorial, percebi quão pequena porcentagem ficava para os autores. Então pensei: por que não criamos uma editora? Já víamos a necessidade de uma empresa para termos recursos para manter a ONG, e assim foi criada a ANF Produções, que, além de editora, também tem as atividades de produção audiovisual e de eventos.

Em 2014 lançamos o primeiro livro (de minha autoria): Perseguindo um sonho – A história de fundação da primeira agência de notícias de favelas do mundo. Em 2015 lançamos o Manual de Redação e Estilo da Agência de Notícias das Favelas, o primeiro no Brasil de um veículo de mídia alternativa. Com isso demos um norte para nossos colaboradores e para nosso público: enquanto veículo de comunicação comunitária, afirmamos nossa linha editorial voltada aos pobres. Em 2016 relançamos o livro 400 X 1: Uma história do Comando Vermelho, e em 2017 lançamos o livro Cultura Viva Comunitária no Brasil e na América Latina. Esta publicação em suas mãos é, portanto, o quinto lançamento de nossa editora.

## **NOVAS TECNOLOGIAS E MODELOS DE PUBLICIDADE**

As redes sociais começaram a ser um importante propulsor dos veículos da Agência de Notícias das Favelas (portal e jornal impresso) e projetos diversos, bem como de vários veículos de comunicação comunitária. Hoje em dia, inclusive, muitos veículos de mídia alternativa funcionam somente por meio das redes sociais. Milhares de moradores das favelas se tornaram influenciadores digitais e passaram a receber remuneração por suas publicações.

Em 2020 a ANF foi procurada pelo Departamento de Comunicação do aplicativo 99 para nosso primeiro trabalho de branded content. Este era um termo até então novo para nós. Produzimos várias matérias sobre mobilidade urbana sem citar o cliente e chegamos a criar uma aba em nosso portal sobre o tema. Daí entabulamos uma série de contratos: Bayer, SBP, novamente a 99, e não paramos mais de trabalhar com essa nova modalidade de marketing. Hoje temos um time de elite, formado por jovens jornalistas das periferias brasileiras, que produz conteúdo para os mais diversos clientes.

Quem contrata a ANF para branded tem a certeza de que não está só alcançando o público das favelas, está também gerando trabalho e renda para os jovens que produzem as matérias. Importante frisar que as empresas que nos procuram para esses trabalhos ficam muito mais seguras de fazermos um jornalismo sério pelo fato de sermos o único veículo de mídia alternativa no país a ter um manual de redação e estilo. Isso é um diferencial que tem atraído o público e clientes.

## **CONTEÚDO DE DADOS**

A busca por dados, estatísticas e informações sobre as favelas brasileiras nos fez criar um terceiro CNPJ para suprir essa necessidade: o Instituto de Pesquisa Data ANF. Nossa primeira pesquisa foi nas eleições de 2018, sobre o que os eleitores cariocas mais desejavam. Em seguida fizemos uma pesquisa de hábitos de consumo das favelas cariocas. Em 2021 realizamos nossa quarta pesquisa, sobre cultura, também nas favelas da cidade do Rio de Janeiro. A mais recente foi sobre saúde mental nas periferias.

O intuito de criar o instituto foi fornecer à sociedade informações que dificilmente se teria com um outro instituto sem o alcance e a legitimidade a partir do trabalho da primeira agência de notícias de favelas do mundo. Importante: a informação de cada novo CNPJ que abrimos tem por objetivo doar parte do lucro para a ONG. Hoje prestamos serviços para empresas e governos que desejam conhecer melhor essa realidade.

## **UMA REDE NACIONAL DE AGENTES COMUNITÁRIOS DE COMUNICAÇÃO**

A criação da Agência de Notícias das Favelas passa pela minha história de vida. Na década de 1990, enquanto missionário nas favelas cariocas, atuei também como agente comunitário de saúde. Esses agentes eram aqueles que aliviavam as dores dos moradores que se encontravam doentes dentro das favelas, que precisavam de um curativo ou de um remédio sem exigência de prescrição médica, e tinham suas necessidades atendidas por eles. Não eram médicos ou enfermeiros, mas também não eram leigos.

A demanda dos hospitais era bastante amenizada por conta desses agentes. Com o tempo, por causa de meu trabalho nas favelas denunciando violações de direitos humanos, passei a atuar como fonte para toda a imprensa e me vi como um agente comunitário de comunicação. Foi aí que tive a ideia de criar esse termo e de realizar um curso de formação para a criação de uma grande rede. Assim nasceu a RACC – Rede de Agentes Comunitários de Comunicação.

Em 2015 inscrevemos esse projeto para um edital do Ministério da Cultura, o edital de mídia livre, na categoria nacional. Ivana Bentes, na época secretária de Cidadania e Diversidade Cultural, foi quem teve a brilhante ideia de lançá-lo. Foram dez organizações contempladas, entre elas a ANF. Assim, em parceria com a FACHA – Faculdade Hélio Alonso, formamos a primeira turma. Depois fizemos parceria com a UFRJ para a realização da segunda turma. Com essa expertise, recebemos o patrocínio do Grupo Neoenergia para realizar uma turma em Salvador e outra em Recife, onde formamos um total de 50 novos comunicadores comunitários.

Já formamos até hoje mais de uma centena de agentes comunitários de comunicação. Todos os alunos dos cursos da RACC são oriundos de favelas e periferias e recebem um material didático que conta, entre outros, com o livro que narra a história da ANF e o Manual de Redação e Estilo. Desde a primeira aula já recebem login e senha para publicar no portal da organização e produzem o nosso jornal A Voz da Favela, com uma tiragem de 50 mil exemplares.

## **ANF NO ENSINO DA COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA NA ACADEMIA**

A grande maioria das faculdades de jornalismo no país já conta com a matéria de comunicação comunitária. Isso demonstra a importância que o assunto passou a ter. Temos dado muitas palestras em diversas faculdades, e tanto nosso livro quanto o Manual de Redação e Estilo já se tornaram até leitura obrigatória para alunos que fazem essa disciplina em algumas universidades. Cada vez mais alunos estão se formando e entendendo que podem trabalhar em veículos comunitários, e não somente na grande mídia ou na mídia corporativa. A Agência de Notícias das Favelas já foi tema de diversos Trabalhos de Conclusão de Curso, além de dissertações de mestrado, o que ajuda ainda mais no aprofundamento da matéria.

## **EXPANSÃO E AFIRMAÇÃO DA COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA**

A Agência de Notícias das Favelas conta com mais de 700 colaboradores, que escrevem para nosso portal, espalhados pelo mundo. Estamos em todos os estados brasileiros. Desde 2015 participamos do Congresso Latino-Americano de Cultura Viva Comunitária, e tivemos a oportunidade de expandir nosso trabalho para El Salvador, onde aconteceu a segunda edição. Em 2017 foi a vez do Equador, e, em 2019, da Argentina, países onde também contamos com colaboradores. Os congressos têm servido para compartilharmos nossa experiência e para reafirmar a comunicação comunitária entre os irmãos latino-americanos. Nosso modelo de gestão tem sido levado e compartilhado em cada congresso e palestra em que estamos presentes.

Em julho de 2017 a ANF realizou em Niterói o I Encontro Latino-Americano de Comunicação Comunitária, o primeiro do gênero no país. O encontro teve o apoio do programa IberCultura Viva e parcerias com a Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, a Fundação de Artes de Niterói (FAN), o Núcleo de Produção Digital (NPD) – Niterói, a Associação Nina e o Laboratório de Políticas Culturais. O II ELACC acontecerá no Rio de Janeiro em 2022, por meio de um convênio celebrado entre a ANF e a Secretaria Especial de Cultura do Ministério da Cidadania, por intermédio de uma emenda parlamentar da deputada federal Jandira Feghali.

## **DOIS DEPOIMENTOS SOBRE COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA E A AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DAS FAVELAS**

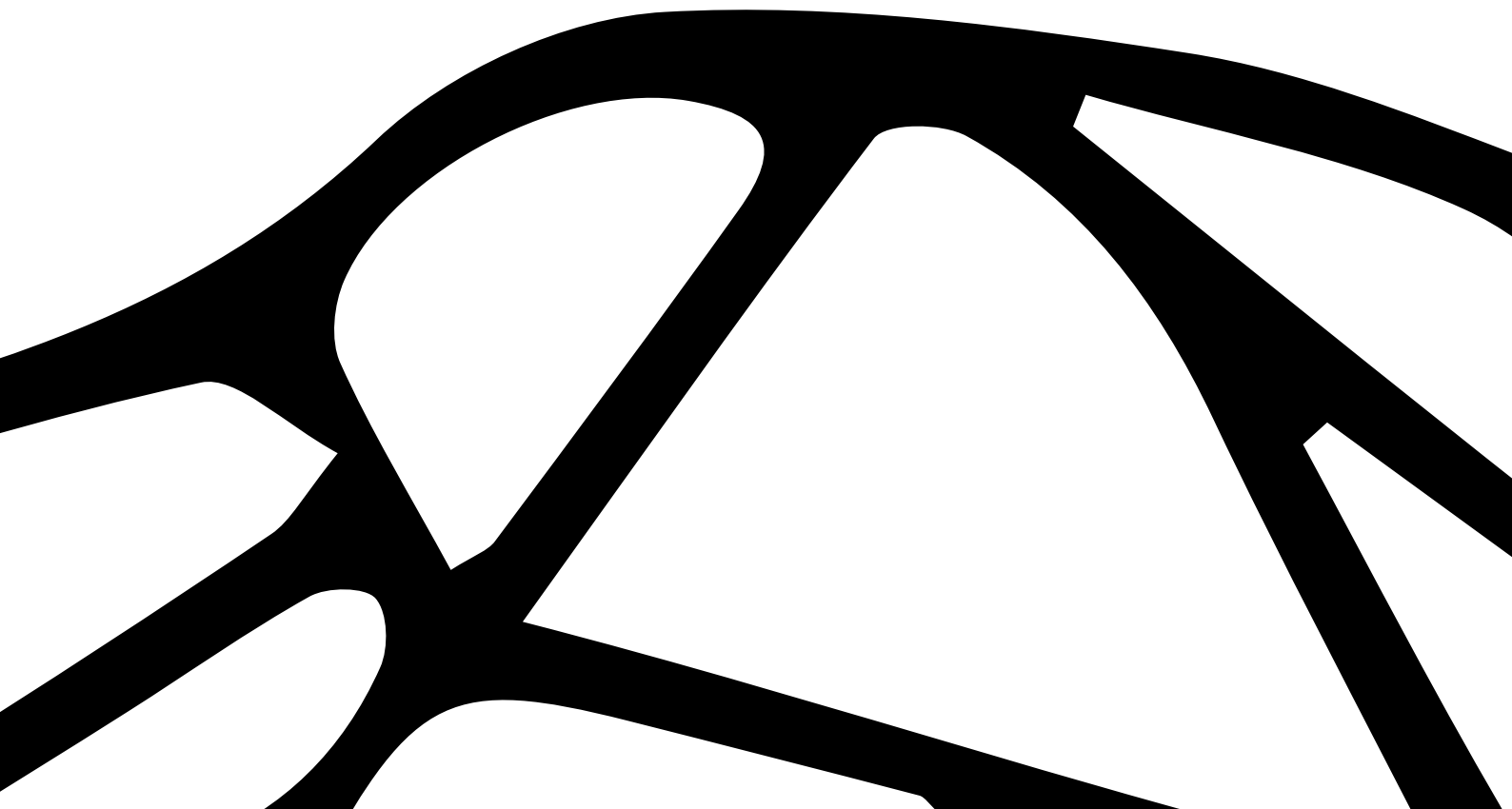
“Sobre o tema da comunicação comunitária, eu sobrevivi pra ver o estágio em que a gente chegou. Eu sou do tempo do jornal impresso, final dos anos 1970, jornais de favela, e ver hoje essa combinação entre o jornal impresso e a potência das redes sociais é fantástico. E a agilidade na produção de conteúdo e de comunicação que os coletivos de favela têm produzido. Então isso é fantástico, é um momento em que eu digo sempre que hoje estamos produzindo conteúdo para televisão e grande mídia; eles vão beber lá na fonte. E é importante também saber que os jornais em papel continuam circulando nas favelas. Nem todo mundo nas favelas, seja Rocinha, Santa Marta ou qualquer lugar, acessa igualmente as redes sociais. Então a gente precisa também lidar com essa diferença, com esse desafio que é fazer a informação de qualidade chegar a todas as pessoas moradoras de favela, sendo elas as que acessam o mundo digital ou não. Então hoje estamos em um momento importante para a comunicação comunitária, pois temos essa multiplicidade de possibilidades. E é isso que me inspira a continuar pensando a questão da comunicação comunitária.”

*Itamar Silva, fundador do Grupo ECO na favela Santa Marta e um dos fundadores do Viva Rio*

"A ideia de que a favela tem o direito de narrar-se, de noticiar-se, de realizar sua própria crônica a partir de sua visão de mundo merece, nestes tempos em que a ditadura do capital comunicativo começa a ser hostilizada por mídias alternativas, ser chamada de revolucionária. Nesse sentido, a biografia precoce de André Fernandes se cruza com a história do povo favelado carioca, abrindo novos caminhos e possibilidades tanto na comunicação como no enfrentamento social das mazelas."

*Nilo Batista, ex-secretário de Segurança do Estado do Rio de Janeiro e um dos juristas mais respeitados do país.*

Os três CNPJs juntos formam o Grupo ANF, que também trabalha com publicidade nas favelas em pelo menos quinze estados no país. Esse modelo de negócio e de sustentabilidade foi apresentado no Colóquio que fui convidado a participar com diversas outras organizações que atuam na mesma área, tendo sido uma excelente oportunidade para trocas de experiências e, para nós do Grupo ANF, uma grande oportunidade de passar para a turma mais nova o que estamos fazendo, servindo de exemplo para as novas gerações de comunicadores. Também pude apresentar meu segundo livro *Novos Rumos da Comunicação Comunitária no Brasil*, que apresenta vários textos de autores do país que discorrem sobre o tema e, no meu texto, apresento o "caminho das pedras" para quem quer entender e praticar um novo modelo de negócio.





**DAS ONDAS DE RÁDIO À  
PODOSFERA: CONSTRUINDO  
NOTÍCIAS NO COLETIVO**

**ASSISTA AGORA**



# COMO A QUEBRADA FALA?

## MARCOS VELLASCO / QUEBRADACAST

Meu nome é Marcos Vellasco, nascido em São Paulo, criado em Taboão da Serra. Essa informação é importante para que você, que está lendo esse texto, saiba exatamente de onde estou falando, outra informação importante é que sou um homem cis, negro retinto.

Agora que você já me reconhece, já sabe, mais ou menos, como é minha figura e como eu me pareço, gostaria que você entendesse que há quase dez anos eu entrei em um campo que quase não tinha pessoas como eu. Pessoas periféricas falando sobre cinema, arte, cultura pop.

A mídia podcast, em 2015, era um nicho muito específico, poucas pessoas sabiam o que era e na quebrada essa mídia ainda não tinha um público muito grande.

E lá fomos nós, juntamos pessoas em volta de um celular para comentar e dar nossas opiniões sobre o Oscar, porque queríamos e tínhamos o que dizer!

Escutar nossas vozes depois do episódio pronto foi uma das coisas mais mágicas que já me aconteceu, pois mostrava para mim mesmo meu potencial e que minha vivência enquanto espectador era relevante para outras pessoas também. Houve um momento de estranheza também, se ouvir pela primeira vez, uma voz que por muito tempo foi condicionada a se calar, uma voz à margem, distante, foi bastante desafiador.

Conto essa história para que vocês saibam a importância de termos nossas vozes abertas ao público, para o estabelecimento do diálogo e para nossa autoestima! Temos a necessidade de sermos lidos, escutados e vistos, existe muito mais nas periferias do que a TV mostra em seus jornais cheios de sangue. Estamos aqui produzindo conhecimento de qualidade e em larga escala.

Lugares de formação como o proporcionado pelo "Desenrola e não me Enrola", que coloca jovens periféricos em contato com técnicas jornalísticas para colocar a comunidade como protagonista e agente das notícias.

No início da minha carreira como podcaster, pensava que o trabalho era somente o de falar o que eu pensava sobre as produções, os anos foram passando e percebi que o trabalho é muito maior que isso, que essa etapa não é nada comparada ao que realmente fazemos, que é atingir as pessoas.

Quando entendemos nosso papel para além de nós mesmos, entendemos que o microfone é um canhão e nossa mensagem vale um tiro. É preciso entender essa responsabilidade, saber

que os nossos precisam de informações importantes e corretas, que façam nós entrar em contato conosco.

Para nós, periféricos, isso é muito simples de responder porque comunicamos no olhar, no jeito de andar, na generosidade que temos em nossas relações, nossas tecnologias vão para além dos equipamentos que usamos.

O Colóquio mostrou isso, nossa comunicação se dá através de um olhar muito mais profundo e delicado para a realidade, pois quando contamos nossas histórias a perspectiva muda, os sentimentos e intenções são outras.

Nossa ideia é mostrar o tamanho da nossa potência, apesar das dificuldades. Evidenciando nossas lutas diárias, com beleza e afeto.

Guilherme Aderaldo, pesquisador convidado, em uma de suas falas, destacou que o olhar do centro, muitas vezes, distorce o que realmente é a quebrada. Esse olhar duro, descontextualizado que atribuem a nós, não tem dimensão da sensibilidade que temos.

No colóquio ouvimos múltiplas vozes periféricas, vozes essas que desmistificam o olhar do opressor para o nosso território, um olhar muitas vezes, meramente tecnicista que nos, reduz a uma função e lugar, que nos estigmatiza e separa em caixas sem complexidade, que no fim relega aos periféricos a obrigação de falar e mostrar somente a face do sofrimento e da dor.

Falar sobre comunicação periférica é de extrema importância, não porque temos um nicho que se comunica numa bolha, e sim por mostrar que nas periferias se produz conhecimento de alta qualidade que dialoga com a cidade como um todo, não somente na periferia, onde a pecha é do exótico, do outro.

Nas quebradas existem cinemas, existe jornalismo, formação, referências diversas e coletividade.

Importante dizer que essa coletividade é extremamente necessária, pois sem ela não conseguiríamos ter chegado tão longe, entender que só conseguiremos levar nossas vozes ainda mais adiante se continuarmos a fazer isso juntos, com nossas particularidades, nossas contradições e nossas diferenças.

Vimos muito no colóquio, pessoas que partem do mesmo lugar, mas que tem pensamentos e vivências distintas e é isso que enriquece o corre, é isso que faz de nós seres tão diversos e únicos.

Na mesa que tive o prazer de participar, tivemos duas visões sobre o mesmo assunto, Gisele Alexandre, do podcast Manda Notícia, trouxe sua experiência sobre o seu trabalho na pandemia de COVID-19, combatendo a desinformação nas quebradas. Na mesa também estávamos com Reginaldo José, coordenador da Rádio Comunitária Heliópolis, que falou muito sobre a importância da rádio enquanto instrumento de comunicação entre a comunidade. Esses dois profissionais nos mostraram que a coletividade e responsabilidade são de extrema

importância para podermos entregar um conteúdo de relevante às pessoas.

Através desses comunicadores a população de seus bairros pôde ficar por dentro de assuntos importantes para a sua vida, além disso, temos também a questão participativa da comunidade, essa comunicação não é unilateral, há uma participação massiva de diferentes atores nesses espaços.



Ter as pessoas por perto, ajudando a produzir em conjunto é uma das marcas desses comunicadores, na rádio ou no podcast, a comunidade está presente, se apropriando, e mantendo essa comunicação viva e atuante.

Sentir que temos um lugar seguro para trocar ideias, aprofundar nossas visões e trocar é um diferencial que temos desse lado da ponte, todos buscamos ser agentes de mudança, conhecimento e nossas vozes precisam ser escutadas, nossas formas de expressão precisam ser vistas e sentidas.

O colóquio foi uma forma de mostrar que isso é possível e que está sendo feito, reunindo uma série de coletivos que utilizam dessa tecnologia para levar informação, conhecimento e autonomia para o povo periférico, mostrando o quanto ainda temos a oferecer à nós mesmos e para o mundo.

Participar do evento e ver tantas pessoas incríveis e com atuações tão significativas para as suas comunidades me enche de orgulho e mostra que temos de ter responsabilidade e sabedoria em nossos trabalhos, saber que na região central também existem pessoas que param parte do seu dia para nos ouvir e apreciar o que temos a dizer.

É preciso respeitar quem nos assiste, lê e escuta, pois essas pessoas completam o ciclo virtuoso da comunicação.

Asè!

# DOS ALTOS FALANTES ÀS ONDAS SONORAS DO RÁDIO!

**REGINALDO JOSÉ / RÁDIO COMUNITÁRIA HELIÓPOLIS**

Após 100 anos da primeira transmissão radiofônica no Brasil, que ocorreu exatamente nos festejos do centenário da independência, em 1922, a população brasileira experimentava pela primeira vez uma transmissão de rádio que foi vinculada ao discurso do então presidente da república Epitácio Pessoa, através das ondas sonoras a transmissão radiofônica chega aos aparelhos receptores, ou seja, aos “rádios” que estavam em Niterói, Petrópolis e São Paulo.

A primeira emissora foi a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 1923 pelo antropólogo e educador Edgard Roquette-Pinto que é considerado o pai da radiodifusão no Brasil. A emissora tinha como principal propósito promover a educação. Segundo o idealizador, o rádio era a “escola dos que não tinham escola”. Na década de 1920, a taxa de analfabetismo era de 65%, de acordo com censo demográfico da época.

Com o passar do tempo o rádio foi se popularizando e fazendo parte do cotidiano das famílias brasileiras, se fortalece com esse papel de vincular em sua programação músicas intercalando com informação, utilidade pública e prestação de serviço, o rádio se tornou uma poderosa fonte de comunicação para sociedade brasileira, sendo regulada pelo estado as concessões dos grandes veículos de comunicação rádio, jornal, revistas e TV foram destinados às iniciativas privadas, que trazem em sua linha editorial narrativas que não nos representam. Para trazer narrativas de potencialização que apresente um vínculo próximo com seu território, dialogue sobre as demandas da região, valorize a cultura e comércio local e principalmente traga a história de lutas e resistência do povo brasileiro, as periferias criam suas próprias mídias, e assim surge as rádios comunitárias como instrumento de potencialização local, as informações, prestação de serviço e utilidade pública são vinculadas conforme a necessidade dos moradores.

Nesse contexto que nasce a “Rádio Comunitária de Heliópolis”, localizada na zona sul de São Paulo, hoje com mais de 200 mil habitantes espalhados por um milhão de metros quadrados, em 1992 as lideranças da época perceberam que era importante ter um veículo de comunicação da comunidade para a comunidade, assim os altos falantes espalhados pelas principais ruas de Heliópolis dão início aos trabalhos da rádio comunitária Heliópolis. Em 1997 os altos falantes são aposentados e a rádio é reinaugurada, agora sendo transmitida pelas ondas sonoras, com uma programação eclética e diversificada a rádio comunitária, põe em pauta a agenda cultural, educacional, social e de convívio existente na região e em seu entorno, além de potencializar a riqueza produzida nas periferias, também contrapõe os estereótipos e distorções da grande mídia, as negligências e descasos por parte do poder público e outros temas que são abordados por meio da representatividade local que

promove a cidadania através do debate sobre a garantia dos direitos fundamentais e criação de políticas inclusivas que melhorem a qualidade de vida de forma integral.

A experiência de participar de um evento como esse que propõe disponibilizar um espaço de intercâmbio e trocas entre coletivos e iniciativas sociais é relevante em todos os sentidos, pois possibilita nos fortalecermos enquanto coletivo, refletir sobre os desafios na luta pela democratização dos meios de comunicação e garantia de direitos, como também visualizar as diversas estratégias e possibilidades que as quebradas vem encontrando para acompanhar e acessar as novas tecnologias que podem ser utilizadas nas diversas formas de se comunicar, fazendo com que as notícias, informação e conhecimento circule entre os nossos.

O diálogo sobre o acesso a essas novas tecnologias para a disputa de narrativas e de oportunidades independente da classe social que pertença foi apresentado na roda de conversa, assim como, a criatividade da classe trabalhadora que desenvolve diversas alternativas com ou sem recursos financeiros. Por esses motivos que o trabalho das mídias alternativas se torna cada vez mais relevante, o trabalho de base e organizacional para que as diversas vozes e potências dos territórios sejam ouvidas, respeitadas e valorizadas foi ressaltada a todo momento.

Tive a honra de dividir a mesa com Gisele Alexandre do "Manda Notícias" e Marcos Vellasco do "QuebradaCast" que mediou a mesa, destacando o potencial político e representatividade que os territórios periféricos tanto necessitam para se manterem vivos e resistindo.

Participar desse evento me proporcionou um sentimento positivo de reconhecimento e valorização do trabalho. Saber que nossa história pode ser contada pelos nossos, que podemos contrapor as visões dominantes da mídia tradicional, trazendo a diversidade de vozes e pensamentos que promovem a democracia, que valorizam a educação emancipadora, coloca a cultura como fonte de conhecimento tendo o protagonismo do próprio território é o que necessitamos e que vimos brilhantemente nessa mesa de debate.



# ORALIDADE: DAS ONDAS DO RÁDIO À PODOSFERA

**GISELE ALEXANDRE**

Sempre fui uma ouvinte assídua de rádio. Nos anos 1990, auge da minha adolescência no Capão Redondo, me lembro de ouvir rádio em todos os momentos da minha vida. Na hora de cuidar da casa, sintonizava o som da sala nas estações de rádio que tocavam as mais pedidas, aquelas que os locutores conversavam com a gente de uma maneira descolada. Quando estava no meu quarto, no meu cantinho secreto, ouvia baladas românticas, black music e rap nacional em um mini system que meus pais me deram de presente, era um luxo. O rádio sempre foi meu companheiro, talvez tenha herdado essa paixão da minha mãe, que como muitas costureiras, ouvia diariamente as resenhas de Zé Bettio e Eli Corrêa, enquanto labutava sentada em frente à máquina de costura no quarto cheio de linhas espalhadas pelo chão.

Me lembro também de conseguir sintonizar algumas rádios clandestinas, chamadas na época de "rádios pirata". Eu adorava aquelas rádios e ficava curiosa para saber como era possível transmitir aquele sinal, mesmo que com falhas, para tantas pessoas. Vi (e ouvi) muitas coisas mudarem de lá para cá, principalmente, quando entramos no século XXI e a internet passou a ser uma possibilidade também para nós, moradores de quebrada.

A internet chegou na escola, mesmo antes das paredes de alvenaria. Estudei em uma das mais antigas do Capão Redondo, na época, construída com madeira compensada e aço galvanizado, popularmente chamada de "escola de lata". Provavelmente foi lá que vi pela primeira vez, por volta de 1995, um computador. Quando comecei a faculdade de jornalismo, dez anos depois, a internet já era uma realidade e o jornalismo digital passou a ser disciplina. Mas, para mim o rádio ainda era a melhor matéria. Meu saudoso professor de rádio, Pedro Paulo Vaz, me ensinou sobre transmissão radiofônica e, mais do que a parte técnica, foi ele quem me mostrou que o que me conectava com o rádio não era apenas as músicas, mas, principalmente a magia da oralidade, possível apenas naquele formato, era o que me encantava. Sem saber quem estava do outro lado, os locutores conseguiam conversar com a audiência e expressar sentimentos e frustrações, apenas usando o poder da sua voz.

De ouvinte, passei a ser uma jornalista apaixonada pela oralidade, técnica comunicativa mais democrática que existe. Apesar disso, trabalhar em rádio não foi algo que consegui realizar. Ao longo de quase 15 anos de carreira na área de comunicação, tive a oportunidade de trabalhar em muitos formatos, mas nunca em rádio.

Pulamos para 2023, quando essa reflexão em forma de artigo está sendo escrita, para compor outras narrativas de comunicadores que estiverem presentes no Colóquio Comunicação e Tecnologias Sociais nas Periferias, evento que tive a honra de fazer parte, contando sobre minha experiência mais recente, o podcast Manda Notícias, ao lado de Reginaldo José, da Rádio Comunitária Heliópolis.



Depois de mais de uma década atuando no jornalismo digital periférico, consegui, finalmente, realizar o sonho de trabalhar com a oralidade. A transmissão não é feita via ondas sonoras, mas por meio da internet. Mas, para mim, a essência é a mesma: conectar as pessoas usando uma linguagem mais democrática do ser humano moderno.

Lancei o Manda Notícias em 23 de março de 2020, sentada no sofá sala, durante a quarentena ocasionada pela pandemia. O objetivo era produzir conteúdos relacionados à covid-19, não apenas tratando de temas relacionados à prevenção da doença, como também refletindo sobre os impactos econômicos e sociais causados aos mais pobres durante o período de isolamento social e, principalmente, combatendo a desinformação com checagens jornalísticas de conteúdos falsos disseminados nas redes sociais. Tudo isso usando uma linguagem acessível, como a que aprendi com o rádio.

Fomos um dos primeiros podcasts de notícias do Brasil com foco no público que mora nas periferias e favelas de São Paulo. Diferente de um podcast convencional, criei um formato que ficou conhecido como zapcast, ou seja, um áudio curto e bem produzido que era distribuído, prioritariamente, pelo WhatsApp, aplicativo de mensagens mais popular no país. Em menos de um ano de projeto, já estava levando informação direta e gratuitamente para quase 1 mil pessoas. Cerca de três anos após compreender que era possível levar notícias usando a magia do áudio de forma digital, decidi inovar novamente e, dessa vez, trazer um formato ainda mais orgânico e interativo: a entrevista. Em 2023, o programa se torna um videocast<sup>9</sup>, e tem como foco dar visibilidade aos artistas, coletivos e movimentos culturais que atuam nos distritos do Capão Redondo, Campo Limpo, Jardim Ângela, Jardim São Luís e adjacentes, que não alcançam as mídias tradicionais em suas divulgações.

Sigo realizando meu sonho de usar a oralidade para me comunicar com meu público, caminhando de mãos dadas com a tecnologia, traçando estratégias possíveis dentro da realidade social contemporânea, mas sem perder a essência que aprendi com meu querido amigo rádio.



---

<sup>9</sup> [Assista aqui](#) ao videocast





# EDUCAÇÃO ENTRE A LOUSA E A TELA: DESAFIOS E AVANÇOS

[ASSISTA AGORA](#)

# A EDUCAÇÃO NO “ENTRE”

**SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO**

Ao propor uma mesa sobre Educação dentro de um colóquio sobre Comunicação e Tecnologias Sociais, demarcamos um ponto absolutamente relevante e urgente para a nossa atual configuração social: não é viável tratarmos destes temas sem validar e revalidar a importância dos processos educacionais. Apesar das inovações técnicas e tecnológicas, da amplificação de acesso, da ciência da gambiarra tão nossa, as relações entre o uso, a crítica e a reflexão sobre como elas afetam as relações humanas, passam obrigatoriamente pelos processos educativos.

E aqui não estamos pensando a Educação como sinônimo de Escola. Os espaços escolares são apenas mais um lugar fundamental, mas também insuficiente, para dar conta do que é esta Educação da pessoa, do ser que se faz humano, e, neste sentido, um ser simbólico. A técnica serve à criação deste ser humano, e as tecnologias e a comunicação são seus meios de ser, junto, no mundo. Por isto, vamos das tecnologias ancestrais, que vão chegando até nós a partir das mitologias e explicações cosmogônicas, que auxiliam na interpretação do mundo e organizam formas sociais, passando pela cultura digital, e pelo hibridismo desta construção. A valorização da memória e sua via de presentificação a partir da palavra, da imagem, do corpo, do diálogo; a construção coletiva, que transborda paredes, bairros, governos; experiências que parecem singulares, mas que, ao cair em uma rede digital, ecoam em outros territórios, e se irmanam em suas faltas, anseios, inquietações; a apropriação de meios técnicos e tecnológicos, analógicos e digitais, tudo isso possibilita que esse modo de educar e educar-se, em fluxo contínuo e espiralar, englobe mais gentes, mais vozes, mais modos de compreender. Não apenas educar para as mídias, mas com as mídias, e tensionando sua própria natureza excludente em tantos sentidos. A Educação que não acaba com o sinal da escola, e sim aquela que habita sempre no entre: entre ouvir e falar, entre aprender e ensinar, entre o passado e o agora, entre a tela e a lousa. Entre nós.

# PROVE — PROJETO DE VALORIZAÇÃO DO EDUCADOR E MELHORIA DA QUALIDADE DE ENSINO (1997-2022)

**SOCORRO LACERDA DE LACERDA**

Em minha participação nesta publicação apresentarei para discussão, o Projeto de Valorização do Educador e Melhoria da Qualidade de Ensino - PROVE.

Para compreendermos como nasceu o PROVE é necessário fazermos uma breve contextualização da época em que o projeto foi criado. Durante a gestão de Luiza Erundina (1989/1992) na prefeitura da cidade de São Paulo, cujo secretário de educação foi Paulo Freire, as políticas públicas nesse âmbito representaram um símbolo da mudança educativa para a cidade, um período revolucionário e de grandes conquistas. Encerrada sua gestão, ficamos “órfãos” de projetos de formação que dessem conta da demanda dos educadores, que passavam por um movimento de ganhos significativos, como os horários de estudos para professores e professoras através discussões coletivas e reflexões dos projetos escolares. Nesse contexto, em 1997 surgiram as primeiras ideias de elaboração do projeto que deu origem ao PROVE.

Na época, recém-chegada à escola Mário Faccio Gonçalves – Zacaria (no bairro do Chácara Santana -ZS), a coordenadora Olgair Gomes Garcia e o Diretor Wagner Carbonari perceberam o latente desejo de seguir estudando naquele grupo de professor/as. A partir dessa constatação foi iniciada uma conversa entre as escolas da região e, junto com outros coordenador/as e diretor/as, a ideia de as próprias escolas pensarem em um projeto de formação, como já haviam experimentado na gestão Paulo Freire, a frente da SME (Secretaria Municipal de Educação), dessa vez acontecendo in loco foi se delineando.

As discussões se seguiram e professoras e professores também foram se engajando e acreditando ser possível um projeto pensado de modo tão específico, trabalhando, junto a cada formador, problemas e dificuldades próprios do chão da sala de aula. O grupo de escolas (inicialmente seis) iniciou montando uma relação de possíveis nomes que pudessem ser formador/as para cursos de acordo com as necessidades iniciais apresentadas pelos/as educador/as. Muitos dos convidados para serem formadores se engajaram na ideia e, a partir de suas confirmações, o próximo passo foi montar um cronograma, de modo que os cursos acontecessem no horário de trabalho dos/as educadores/as e os gestores se comprometessem em organizar a escola para que alunos/as não fossem dispensados de suas aulas. Para isso, contavam com professor/as substitutos/as que realizavam as atividades planejadas anteriormente pelos/as professor/as titulares.

Com essas questões colocadas, o PROVE foi se delineando como um projeto de formação continuada que não só permitisse uma atualização e aprofundamento teórico sobre as questões pedagógicas, especialmente as relacionadas à organização do ensino em ciclos, como estava sendo proposto, mas, também, que fosse uma oportunidade para os/as educadores/as se reunirem para refletir e estudar, trocar experiências, se conhecer e conhecer o trabalho e o ambiente de outras escolas que estavam se envolvendo no projeto.

O PROVE foi inspirado nas teorias de Paulo Freire quando diz que:

*Será privilegiada a formação que se faz no âmbito da própria escola, com pequenos grupos de educadores ou com grupos ampliados, resultantes do agrupamento das escolas próximas. Este trabalho consiste no acompanhamento da ação-reflexão-ação dos educadores que atuam nas escolas; envolve a explicação e análise da prática pedagógica, levantamento de temas de análise da prática pedagógica que requerem considerando a reflexão sobre a prática e a reflexão teórica. (FREIRE, 2006, p. 81)*

O PROVE diferencia-se de outros projetos de formação por envolver várias escolas do mesmo território, que por iniciativa própria se empenham em realizar ações formativas dentro de uma proposta de gestão colaborativa e democrática e isso se dá também na escolha dos cursos, em que uma das grandes preocupações é o caráter interdisciplinar. Os cursos são oferecidos a todo/as o/as educador/as, que escolhem de quais querem participar de acordo com suas necessidades, independentemente de sua área específica e disponibilidade de horários. É a formação da pessoa e não só do profissional. Para isso, os cursos oferecidos não são apenas aqueles em que seus temas ou discussões estão diretamente ligados ao trabalho com os aluno/as, há aqueles em que se valoriza a formação do sujeito e que lhes dá a oportunidade de se fazer e refazer através de questões que geralmente não são discutidas nas formações, raramente oferecidas pela SME (Secretaria Municipal de Educação). Alguns exemplos são os cursos de Cosmologia, Teatro, Música e Dança, que reverberam em seus trabalhos embora não estejam em um currículo programado por agentes geralmente distantes da sala de aula.

Outros cursos foram oferecidos, com assuntos igualmente relevantes, para a formação do/as educador/as: alfabetização, resolução de problemas, feminismo, gênero e sexualidade, imigração, racismo, fake news, territorialidade, troca de experiências, inclusão e tantos outros que foram inseridos no contexto de uma educação inclusiva.

No ano de 2002, sentimos a necessidade de registrar o processo do PROVE, a forma e os valiosos momentos de estudo e pesquisa que foram acontecendo desde o início do seu desenvolvimento. Decidimos publicar a Revista PROVE, com uma estrutura que se repete até hoje: uma entrevista, artigos sobre os cursos que foram desenvolvidos, projetos desenvolvidos nas escolas participantes e, nas páginas centrais, imagens de atividades realizadas pelos

estudantes. A *Revista PROVE<sup>v</sup>* tem sido muito prestigiada pelos/as professores/as e é reconhecida por seu valor para além do domínio restrito do espaço das escolas envolvidas, mas também das várias regiões do país a até do exterior. Cerca de mil exemplares são distribuídos anualmente para todas as escolas municipais. Já foram publicadas 19 revistas, as duas últimas (2021/2022) foram disponibilizadas de forma virtual.

Para comemorarmos e partilharmos as ideias discutidas ao longo do ano, fazemos um seminário com palestras, oficinas e apresentações culturais. As oficinas são organizadas pelos/as participantes dos cursos com o objetivo de apresentar e divulgar o projeto, engajando novos/as educadores/as à participação. O evento acontece sempre em uma das escolas participantes, que vão sendo rodiziadas. O seminário também já aconteceu fora da escola: no teatro Sérgio Cardoso, onde assistimos um espetáculo do *Ballet Stagingum* e fizemos, posteriormente, uma conversa com Marika Gidali, diretora da companhia; e no teatro Paidéia, com a peça “Santo Dias – da roça à fábrica”, dirigida por Amauri Falseti, após o espetáculo também houve uma conversa com o diretor da peça.

Atualmente, o Prove – Projeto de Educação do Educador e Melhoria da Qualidade de Ensino continua acontecendo, independentemente da gestão e das propostas de formação da SME (Secretaria Municipal de Educação). Alguns dos/as formadores/as, educadores/as permanecem no projeto desde seu início. Um projeto tão longo, nascido nas próprias escolas da periferia da Zona Sul de São Paulo e comprometido com uma educação continuada crítica e reflexiva se faz um exercício de seriedade, ousadia, comprometimento e resistência, revelando uma crença verdadeira de que é possível fazer uma escola pública de qualidade.

# MITOS, JOGOS E EDUCAÇÃO

**RENATO NOGUERA**

Diante de provocações relevantes para as encruzilhadas entre comunicação, tecnologia e educação, busquei debater as potencialidades de games para/nos processos de ensino-aprendizagem. O primeiro aspecto para dar sustentação ao percurso está em situar o papel da narrativa em nossas vidas. Ou ainda, perguntar como as histórias atuam nas nossas relações, seja na esfera privada ou na dimensão pública da vida.

O filósofo Hampatê Bâ reivindica que o poder de contar uma história é decisivo para configuração de uma sociedade. No campo da Análise do Discurso<sup>10</sup>, encontramos o conceito de função-avatar, compreendido como o “resultado da interrelação entre o sujeito-autor e a cibercultura, enquanto condição de produção de discurso”<sup>11</sup>. Em outras palavras, função-avatar pode ser entendida como uma maneira das pessoas fazerem o percurso narrativo de um jogo ou de uma história. Por exemplo, nós podemos aproximar a noção de função-avatar do que as crianças fazem em festas de aniversários em que elas usam fantasias de suas personagens preferidas. Ou ainda, quando uma pessoa acompanha uma série e torce para uma das personagens, em certa medida, ela está realizando a função-avatar.

Em certa medida, alguns argumentos de Cheik Anta Diop, Mãe Stella de Oxóssi, Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo), Ailton Krenak, Marimba Ani, Oyeronke Oyewumi, Pierre Clastres e Jared Diamond parecem se aproximar. Sem dúvida, aqui não cabe destrinchar as várias diferenças. Mas, vale resumir com a formulação feita por Nego Bispo combinada com a tese do pensador senegalês Diop. Eu interpreto da seguinte maneira, algumas sociedades são mais frequentemente cosmófilas enquanto outras são mais cosmofóbicas. Diop fala em berços civilizatórios. Com base nos estudos dessas autorias, nós conjecturamos que nas sociedades africanas e dos povos originários da América era mais comum modos de pensar, sentir e desejar organizados em torno de um horizonte cosmofílico. Enquanto nas sociedades europeias e asiáticas era mais frequente um horizonte cosmofóbico. Em outras palavras nas sociedades afro-indígenas a confiança era um sentimento mais frequente. Nos contextos euro-asiáticos, o medo era o afeto que organizava a vida social. Uma maneira de encontrar os indícios dessa atmosfera cultural está na quantidade de pontes e de muralhas.

Nas sociedades com mais muralhas, o medo estava mais presente. A lógica da escassez presente em teorias como a do geógrafo Thomas Malthus pode ser resumida como: existem poucos recursos para todos os povos. Daí, os mais fortes devem se impor e fazer a gestão desses recursos, dominando e controlando os mais fracos.

---

<sup>10</sup> Schons, Carme Regina; Fukue, Mário Rafael. “Noções Introdutórias sobre a Função-Avatar e o Hiperdiscurso” In “SIGNUM: Estudos da Linguagem, Londrina, n. 15/3 (esp), p. 343-360, dez. 2012

<sup>11</sup> Idem, p353

Nos contextos culturais cosmofílicos, os recursos devem ser compartilhados. Pois bem, feito esse encaminhamento, eu quero defender que os jogos têm se baseado muito mais num horizonte cosmofóbico do que numa concepção cosmofílica. Portanto, a produção de jogos educativos estruturados em torno de uma noção cosmofílica da existência pode ser mais potente para uma sociedade em que a violência não seja o modo preponderante de relacionamento.

Em poucas palavras, educar pode ser um exercício de elaboração de subjetividades, modos de pensar e sentir, que não se organize por uma relação de disputa que simbolize, “cada um por si e Deus contra todos” – como diz um trecho de uma das canções da banda Titãs. O que não significa buscar uma terra prometida marcada pela ausência de conflitos. Não se trata da ausência de desentendimentos, mas, de compreender que uma das formas mais interessantes de conviver pode ser através da possibilidade de resolução dos conflitos sem recorrer aos usos da violência.

Eu recordo uma história iorubá, o que se chama dentro da tradição filosófico-religiosa de Itã. O rei de Ifé para celebrar a colheita do inhame sempre fazia uma grande festa, desta vez além do festejo tinha o casamento de uma de suas filhas. Durante a festa, um pássaro branco (como se fosse um dragão) produzia um hálito quente que parecia fogo. Então, todos fugiram e o rei chamou da cidade de Ido, o caçador arqueiro Oxotogum com um balaio de vinte flechas. Oxotogum tentou de todas as formas, mas não acertou o pássaro gigante. Daí, o rei pediu que um mensageiro chamasse Oxotogi com suas quarenta flechas, o arqueiro não conseguiu atingir o pássaro. Na sequência, veio Oxotadotá com oitenta flechas (existem versões com cinquenta e sessenta), o arqueiro não acertou o pássaro. Então, veio Oxotocanxoxô com uma só flecha. Ele e sua mãe conversaram com Exu, este explicou que o pássaro foi mandado pelas Iyámi Oxorongá. Observação importante: as grandes mães devem ser chamadas assim, para usar o nome de cada uma e seu título “Iyámi Oxorongá” é preciso pedir licença.

Exu explicou que as grandes mães fizeram isso porque o rei de Ifé esqueceu de convidá-las para a festa. Daí, a flecha de Oxotocanxoxô acertou o pássaro branco, aproximando o rei de Ifé e das grandes mães. Desde então, Oxotocanxoxô passou a ser chamado de Oxóssi. E Ifé voltou a celebrar a colheita do Inhame. Um detalhe importante, a mãe de Oxóssi foi capaz de reparar o esquecimento do rei de Ifé. A sua ação de reaproximar o rei das grandes mães tornou possível que a flecha atingisse o pássaro branco. Ora, o pássaro era a fúria delas que esvaneceu. Não se trata de maldade ou bondade, mas, de reconhecimento. Numa sociedade que tem gente sem reconhecimento, dificilmente teremos paz. Na educação contemporânea, um dos desafios é como produzir a função-avator para dar e receber reconhecimento.



**AUTORAS  
E AUTORES**





## ANDRÉ FERNANDES

Jornalista fundador e diretor da Agência de Notícias das Favelas (@agenciadenoticiasdasfavelas). Autor de 'Perseguindo um sonho: a história da fundação da primeira agência de notícias das favelas do mundo' e 'Novos Rumos da Comunicação Comunitária no Brasil'



## DANIEL FAGUNDES

Cineasta, educador e poeta, co-fundador da produtora Caramuja. Realizador dos documentários "Oxente, Bixiga!" (2020), e "O olhar de Edite"(2021), dentre outros. Integrante do ponto de cultura Sarau da Roça em Cajamar. Atualmente coordena a escola de cinema periférico Ibiralab no Jd. Ibirapuera, Zona Sul de São Paulo.



## FLÁVIO GALVÃO

Integrante fundador do Coletivo Fábrica de Cinema em 2005, do Núcleo Audiovisual Cinescadão em 2007, membro do Coletivo de Vídeo Popular de São Paulo, integrante do Grupo Linha de Ação, da ADVP/Ação Direta de Vídeo Popular, e integrante fundador da Agência Pávio de Jornalismo. Diretor do documentário 'Era Punk!' (2022).



## GISELE ALEXANDRE

Jornalista e comunicadora no Centro de Direitos Humanos e Educação Popular do Campo Limpo. Criadora do 'Manda Notícias', um meio de propagar informações a partir de áudios de WhatsApp, surgido no contexto da pandemia de covid-19, até se consolidar como um podcast que promove a cultura periférica na Zona sul de São Paulo. (@mandanoticias.podcast).



## GUILHERMO ADERALDO

Pesquisador e professor do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. Autor de 'Reinventando a cidade: uma etnografia das lutas simbólicas entre coletivos culturais vídeo-ativistas nas 'periferias' de São Paulo' (Annablume, 2017).



## HARRISON LOPES

Professor de Sociologia. Formado em Ciências Sociais pela UFPA, comunicador popular, fotógrafo, educador social e educador, integrante do Coletivo de comunicação popular Tela Firme em Belém-PA (@telafirme).



## INGRID LOUZEIRO

Moradora do bairro da Terra Firme, pedagoga, especialista em prevenção e combate à violência (ICS/UFPA). Mestra em Educação (UFPA) e professora substituta da Escola de Aplicação da UFPA. Membro do coletivo Tela Firme, educadora popular, muzenza de povos tradicionais de cultura africana (POTMA) nação angola/candomblé, produtora cultural do Instituto de Cultura Afro-Amazônica (IBAMCA).



## JAINA REIS

Cineasta, fotógrafa, clown, atriz, produtora, documentarista e educadora guarulhense. Pedagoga e professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede pública de Itaquaquetuba, integra a Companhia Bueiro Aberto (@companhiabueiroaberto)



## KATIA PASSOS

Nascida no Bixiga (SP), mulher negra, mãe de duas meninas de 21 e 15 anos. Membro do Conselho Deliberativo do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC) do Núcleo de Apoio à Políticas Públicas de Comunicação da Fundação Perseu Abramo (NAPP). Co-fundadora da rede Jornalistas Livres (@jornalistaslivres).



## MARCOS VELASCO

Fotógrafo, videomaker, editor de fotos e vídeos e co-fundador do Quebradacast (@quebradacast), podcast de quebrada, construído no Campo Limpo, que fala de cultura pop e política na quebrada. É colaborador do coletivo Rango de Classe e da Caramuja.



## MAYCOM MOTTA

Jornalista, diretor de fotografia, fotógrafo e pai da Maria Laura. Produtor Audiovisual na Dois Neguin Filmes (@doisneguin), com sede na Zona Sul de São Paulo. Trabalhou muitos anos na TV Globo, onde atuou como repórter cinematográfico no programa Profissão Repórter.



## REGINALDO JOSÉ

Coordenador da rádio comunitária Hélioópolis (@radioheliopolisoficial), onde iniciou em 1999 como sonoplasta e locutor, idealizando o programa "Revolução Rap". Atualmente é gestor do projeto Observatório de Hélioópolis "D'Olho na Quebrada" e integra a diretoria ampliada da UNAS.



## RENATO NOGUEIRA

Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), coordenador do Grupo de Pesquisa Afroperspectivas, Saberes e Infâncias (Afrosin). Doutor em filosofia, vem pensando na articulação entre tecnologia e ancestralidade, propondo metodologias diferentes para descolonizar os saberes e gamificar os mitos em uma educação antirracista.



## SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Doutora em Educação pela FEUSP. Historiadora (FFLCH- USP). Integra o Laboratório Experimental de Arte-Educação e Cultura (Lab\_arte/ FEUSP) e a Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial (ASPAS). Curadora cultural, pesquisadora do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc SP nas interfaces entre tecnologias e artes, educação e processos formativos. (@sa\_indica).



## SOCORRO LACERDA DE LACERDA

Paraibana radicada na periferia da Zona Sul de São Paulo. Historiadora e professora aposentada da rede pública de educação, onde ajudou a criar o PROVE, uma revista que há 25 anos trabalha na formação de professores de forma compartilhada com alunos, artistas e pesquisadores da comunidade local.



## THAIS SIQUEIRA

Moradora do Jardim Ingela, Zona Sul de São Paulo. Jornalista, educadora e articuladora sociocultural. É também co-fundadora do Desenrola E Não Me Enrola (@desenrola), portal de notícias com objetivo de criar espaços de reflexão e valorização das potências da juventude preta e periférica no campo jornalístico produzido nas bordas da cidade.





**ROLÊ NO  
BAIRRO EDUCADOR  
JD. IBIRAPUERA**

**ASSISTA AGORA**

